

Universidade Católica de Santos

MARIA LÚCIA DONDON SALUM SILVEIRA

**A Indisciplina em sala de aula: O que pensam
professores e alunos**

**Santos
2007**

Universidade Católica de Santos

MARIA LÚCIA DONDON SALUM SILVEIRA

**A Indisciplina em sala de aula: O que pensam
professores e alunos**

Dissertação submetida ao programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação, da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação, linha: Educação e Formação Humana: Éticos, Políticos e Epistêmicos sob orientação da professora Maria Helena Bittencourt Granjo.

**Santos
2007**

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - Unisantos
SiBiU

S587i Silveira, Maria Lúcia Dondon Salum.
 A Indisciplina em sala de aula: O que pensam professores e alunos /
Maria Lúcia Dondon Salum Silveira – Santos: [s.n], 2007.
 87 f.; 30 cm (Dissertação de Mestrado: Universidade Católica de
Santos, Programa de Mestrado em Educação).

I. Silveira, Maria Lúcia Dondon Salum. II. Título.

CDU 37(043.3)

COMISSÃO JULGADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial dessa dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, / / .

MARIA LÚCIA DONDON SALUM SILVEIRA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para minha mãe, grande incentivadora e figura muito importante na minha vida. Para meu marido e minhas adoradas filhas, pelo carinho e compreensão, o meu amor infinito.

AGRADECIMENTOS

Para a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Helena Bittencourt Granjo, por todo aprendizado e pelo grande apoio, pois sem ela não teria conseguido terminar essa jornada, o meu agradecimento eterno.

Aos amigos e colegas de trabalho, que me acompanharam nessa trajetória.

Ao meu amigo Rodrigo, um grande colaborador na elaboração do trabalho, o meu carinho especial.

Agradeço a Deus por estar presente em minha vida guiando e iluminando meus passos todos os dias.

RESUMO

O presente estudo se propõe a contribuir no sentido de aprofundar o conhecimento em relação a um dos assuntos que mais preocupam os educadores, pais e alunos das escolas fundamentais e médias, tanto da rede pública como particular, que é a indisciplina escolar. Inicialmente discute-se o próprio conceito de disciplina e indisciplina escolar, considerando suas principais formas de expressão, explorando algumas de suas causas e características atuais, aspectos singulares da indisciplina escolar e a importância do enfoque preventivo como estratégia mais adequada para enfrentar o problema. A justificativa desta proposta pauta-se nas queixas verbais dos professores e alunos, que percebem a violência como um fenômeno em expansão, reforçado principalmente pelas desigualdades sociais, pela influência de mídia e pela desestruturação familiar, atingindo o cotidiano escolar. As formas explícitas da indisciplina foram as mais evidenciadas, principalmente por meio de brincadeiras, palavrões, empurrões, provocações, brigas e outros. Podem ser percebidas igualmente na forma de violência implícita nas relações interpessoais aluno / aluno; aluno / professor; funcionário / aluno e nas condições de trabalho. A pesquisa baseia-se em observações em duas instituições particulares de ensino da Baixada Santista, onde foi possível vivenciar situações que levaram ao questionamento sobre o papel da escola nos dias de hoje e as perspectivas de mudanças para melhorar a relação professor / aluno. O referencial teórico abrange conceitos de Júlio Groppa Aquino, Lino de Macedo, Yves de La Taille e Jean Piaget, Michel de Certeau, autores esses, que atuam na área da educação e que vêm contribuindo, sobremaneira, para os debates sobre a indisciplina escolar. A pesquisa evidenciou que existe, tanto por parte do aluno como do professor, uma visão conservadora, mesmo quando suas atitudes demonstram o contrário. É possível que o aluno, sem elementos e maturidade para questionar a escola, encontre na indisciplina uma forma de manifestar sua discordância ao que lhe é imposto. A contribuição alvejada está ao pensar em algumas questões com base nos dados coletados, observações realizadas e na literatura disponível, visando contribuir para o surgimento de novas formas de se lidar com a indisciplina na escola.

Palavras chave: disciplina na escola; indisciplina escolar; relação professor / aluno; aluno / professor.

ABSTRACT

The present study proposes contributing in the sense of deepening the understanding related to one of the subjects which most worries educators, parents and students from Elementary and High private and public schools, which is school indiscipline. Initially the own concept of school discipline and indiscipline, considering their main features of expression, exploring some of their current characteristics and causes, singular aspects of scholar indiscipline and the importance of the preventive focus as the most adequate strategy to face the problem, has been discussed. The justification of this proposal registers that, in the verbal teacher and student complaints which have shown violence as phenomenon in expansion, being reinforced from social inequality, the media influence and from broken homes, have affected the school daily routine . The explicit indiscipline aspects were the most evident mainly when they come through jokes, insulting words, pushing, teasing, fights and others. It can also be equally noticed from the way violence has been exposed in the interpersonal relations student/ student, student/teacher, staff/student and the work condition. The research has been made observing two private institutions in Baixada Santista where it was possible to experience situations which led to question the role of school nowadays and the change of perspectives to improve the relationship teacher/student. The theoretical refence embraces concepts of Júlio Groppa Aquino, Lino de Macedo, De La Taille e Jean Piaget, Michel de Certeau, authors, who have acted in the educational area and have contributed, extraordinarily, to the debates about scholar indiscipline. The research has put into evidence that there is, from the student and the teacher so far, a conservative view, even when their attitudes show the opposite. It is possible that the student, with no elements and maturity to question the school, finds out in the indiscipline, a way to express its disagreement to what has been imposed to him. The aimed contribution is to ponder about some questions based on the data collected, observations achieved and in the literature available, aiming at contributing to finding out new approaches that deal with the indiscipline at school.

Keywords: school discipline, scholar indiscipline, teacher/student, student/student Relation.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1: Disciplina versus indisciplina	20
1.1. Disciplina	20
1.2. Indisciplina	25
1.3. Professores versus disciplina	34
Capítulo 2: Relação professor / aluno	38
2.1. Táticas e estratégias	40
2.2. Caracterização da Escola X	41
2.3. Caracterização da Escola Y	41
2.4. Se o professor não tem problemas disciplinares, de onde eles surgem?	45
2.5. O que dizem os livros de ocorrência: observações da equipe e dos professores	47
2.6. Quem tem problema de disciplina? A escola ou professor?	49
2.7. Problemas com alunos em sala de aula. Quais as maiores dificuldades do professor?	51
2.8. A equipe pedagógica e a relação professor / aluno	53
2.9. Relato de duas professoras bem-sucedidas.	56
Capítulo 3: A relação professor versus aluno	59
3.1. O que é disciplina para o aluno?	60
3.2. Que atitudes, segundo os alunos, melhorariam a disciplina?	63
Considerações finais	67
Referências Bibliográficas	72
Anexos	74
Gráficos	76

INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a aprofundar o conhecimento em relação a um dos assuntos que mais preocupam professores, pais e inclusive os próprios alunos que é a indisciplina escolar.

Diante das transformações do momento, a cada dia, tem crescido a necessidade de promover mudanças substanciais também no processo de formação humana. Este contexto traz para os educadores da escola pública e particular, grandes desafios no que se refere à função histórica de ensinar.

O aluno atualmente sofre toda ordem de influências e se comporta de modo diferente. Esse aluno, produto de novas relações, novas formas de cultura, novas formas de ver o mundo, ditadas pela mídia, pela evolução tecnológica, pelo consumismo, pela violência, pela injustiça social, exige do educador novos olhares, novas posturas.

Em decorrência disso as situações que são enfrentadas em sala de aula pelo professor, levam-no muitas vezes, às surpresas e à tomada de consciência de que não conhece e não discute as questões fundamentais que determinam a existência desse “novo” aluno. Esse assunto passou a me preocupar, talvez por ter a formação em Psicologia, Pedagogia e estar, há muitos anos, trabalhando com crianças e adolescentes numa escola particular da cidade. Comecei minha trajetória escolar como psicóloga, fazendo orientação de pais, professores e alunos. Foi uma experiência nova, para a qual me dediquei muito. Logo no início desse trabalho, em 1986, comecei a fazer observações em sala de aula e verifiquei quanto era complicada a relação entre professor e aluno, e como é difícil para o professor aprender a lidar com esse aluno atual.

Durante os anos seguintes, passei a trabalhar também com as turmas de educação infantil e ensino fundamental I. Na minha prática, como orientadora, senti necessidade de cursar Pedagogia, por perceber a importância para a realização de meu trabalho obtendo um conhecimento mais sólido sobre a parte pedagógica, pois assim, seria um pouco mais fácil entender o processo de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula. Comecei a observar quais fatores poderiam interferir neste âmbito. Será que a falta de motivação pode gerar problemas disciplinares? E o fracasso escolar é consequência da indisciplina e da falta de motivação?

Desse modo, após a formação completa, passei a ter uma outra visão sobre as relações dentro da escola. Mudei de função e passei a ser a coordenadora e a orientadora. Conforme o tempo foi passando, uma pergunta começou a me incomodar: O que era disciplina em sala de aula? E quais seriam as suas causas?

Por meio das observações em sala de aula, e dos atendimentos de pais, professores e alunos, resolvi buscar no curso de mestrado as respostas às minhas indagações, tendo a possibilidade de pesquisar quais são os fatores dentro da escola que favorecem falta de disciplina.

De modo geral, vivemos e compartilhamos os problemas de comportamento dos alunos nas salas de aula e fora delas, dos menores aos mais velhos. A disparidade de critérios que o professorado e os pais têm sobre o assunto não permite encontrar uma solução rápida e conjunta. O ambiente social que afeta diretamente o aluno (T.V., pais separados, mudança de valores, etc) e a inadaptação do currículo escolar, que às vezes, levam ao fracasso escolar, torna este fracasso algo não apenas concernente aos alunos, mas também aos

professores. Ainda que o problema não seja novo, ele atualmente angustia alunos, pais, docentes e administradores de escola. Segundo Maria Teresa Estrella:

Se a indisciplina produz efeitos negativos em relação à socialização e aproveitamento escolar dos alunos, ela produz igualmente efeitos negativos em relação aos docentes. Embora menos evidentes e imediatos; esses efeitos não são menos nocivos, pelo que a indisciplina constitui hoje, juntamente com o insucesso escolar, o problema mais grave que a escola de hoje enfrenta em todos os países industrializados. (1994, p: 115)

Todos esses fatores suscitaram o questionamento da disciplina como condição necessária, tendo como objetivo a educação e, ao mesmo tempo, motivaram a procurar uma via prática para consegui-la. Salienta, ainda, Estrella:

A manutenção da indisciplina constitui com efeito uma preocupação de todas as épocas, como já testemunham vários textos de Platão, como o “Protágoras” ou as “Leis”. E se lermos as “Confissões de Santo Agostinho”, constatamos como a sua vida de professor era amargurada pela indisciplina dos jovens que perturbavam a ordem instituída para seu próprio bem. (1994, p. 116)

Na verdade, para os educadores atuais, o fenômeno da indisciplina apresenta-se como um novo problema e eles tentam buscar, ainda que de modo impreciso e pouco efetivo, explicações para as suas causas.

Alguns professores sentem falta das práticas despóticas e coercitivas da escola de outrora; outros vêem a indisciplina, em geral, como reflexo da pobreza e da violência sociais; outros atribuem o comportamento sem limites do aluno, à educação recebida na família. Outros, ainda, parecem compreender que a manifestação de maior ou menor indisciplina, no cotidiano escolar, está relacionada aos traços de personalidade de cada aluno. Há, também, quem justifique as causas

da indisciplina na escola, pelo desinteresse do aluno, em relação às atividades escolares.

A afirmação de que a escola de hoje tornou-se muito permissiva, em relação à educação de antigamente, pode ser logo refutada, pois a escola elitista de outrora era basicamente militar ou religiosa. Também se pode afirmar que a suposta escola de excelência de outrora funcionava, na maioria das vezes, com base em ameaças e castigos, e o respeito do aluno era, na verdade, obediência cega a uma hierarquia. A indisciplina, nesse caso, seria uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares especialmente a relação professor-aluno.

A preocupação com a imposição de limites na educação dos jovens, é uma questão complexa na sociedade atual. Este também é um fator freqüentemente apontado pelos professores como causa de indisciplina entre os alunos; na relação com os professores e a escola. Conforme Fonseca e Szenczuk (2001) seria preciso empreender “trabalhos com pais, professores e alunos no sentido de discutir os limites necessários para que se possa desenvolver um processo educativo mais coerente do indivíduo na sociedade atual”.

Embora esse não seja um problema apenas escolar, a questão dos limites no que se refere aos pais, também aparece. É conhecida pelos professores a prática dos pais de delegar e cobrar da escola a imposição de limites, que em casa não conseguem impor.

O psicólogo Yves de La Taille (1998) faz uma reflexão sobre o conceito de “limite”, tratando o tema de três formas diferentes e complementares; a primeira: pensar nos limites como fronteiras a serem transpostas, tanto para a maturidade quanto para a excelência, especialmente as virtudes morais a segunda pensá-los como fronteiras a serem respeitadas, portanto não transpostas, questão central da

moralidade à terceira pensar nos limites como fronteiras que a criança deve construir para proteger sua intimidade e privacidade.

O autor enfatiza tanto os aspectos de desenvolvimento infantil quanto o de educação. Mas, “limite“, no sentido comumente empregado que interessa aos educadores em geral e que serve também para expressar uma queixa em relação à geração mais jovem, é enfatizado na segunda forma: como fronteira que não deve ser transposta, como demarcação de um domínio que não deve ser invadido. Ainda segundo La Taille:

O limite como fronteiras a serem transpostas, (primeira forma), na verdade, tem sufocado a maioria das crianças de hoje, pois são convidadas a permanecer em seu “mundo infantil” ou “adolescente”, o que vem reforçar o seu egocentrismo. O limite, apontado na segunda forma, que é uma imposição física ou normativa, refere-se à educação, ao processo civilizatório. Portanto, a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem onde vale a lei do mais forte. Na terceira forma, é cada vez mais a autodisciplina, como algo que se constrói por consentimento. (1998, p. 85)

Não impor, limites tanto pode ser prova de humildade como de falta de compromisso em relação aos filhos, aos alunos e ao futuro do mundo. Muitos jovens acabam se queixando da posição de seus pais e educadores, pela falta de imposição de limites, interpretando suas atitudes como ausência, como falta de preocupação, de afeto, etc.

Esta forma, a de compreender a ausência de limites, pude em pesquisa, mediante afirmações de alunos de que os professores deveriam ser mais severos, com os alunos em sala de aula. Os alunos apontaram como solução para o problema indisciplinar, a necessidade de a escola chamar a família para conversar sobre os problemas de seus filhos.

É importante que pais e educadores em geral, percebam que podem estar criando uma geração de prazer sem custos, pois muitos perderam a noção da “medida-limite”. A consequência disso é a indisciplina globalizada e a escola, como instituição, tem sido responsável pela educação das crianças, que absorve boa parte dessa situação, não conseguindo resolver questões tão complexas e historicamente enraizadas nas crianças e nos adolescentes.

A escola constitui-se ainda em nossa sociedade, em um espaço e tempo especiais para a produção de sujeitos e de subjetividade. O que ela faz no período de tempo que dispõe e dentro dos limites de seu espaço, tem múltiplos significados. É também no trabalho da escolarização e socialização que os sujeitos constroem suas respostas, suas resistências e adesões, fazendo-se a si mesmos.

Nesses termos, também não se pode esquecer de que ao chegar na escola às crianças já conhecem e já têm registro de algum tipo de vivência, em relação a cumprir determinadas regras estabelecidas e rígidas. Independentemente da classe social, a convivência supõe a existência de algumas regras claras, para todos os sujeitos. A presença de regras ainda é percebida nas brincadeiras das crianças desde a mais tenra idade. Ao se considerar o trabalho escolar, no interior da sala de aula, observa-se que a dificuldade de manejar regras é comum a professores e alunos. No entanto, esse manejo poderia atuar favoravelmente no ambiente escolar, entre outros elementos, para o desenvolvimento do ensino, o estímulo de curiosidade, o espírito de pesquisa e da descoberta.

Alguns educadores argumentam que a educação familiar, muito permissiva, cria obstáculos para o professor em sala de aula. Analisando essa afirmativa, percebe-se que essa questão está diretamente ligada a funções e competências distintas da família e da escola: aluno não é filho e professor não é pai. A esse

respeito, Júlio Groppa Aquino, psicólogo e, também, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, posiciona-se da seguinte maneira:

No caso da família, o que está em foco é a ordenação da conduta da criança, por meio da moralização de suas atitudes, seus hábitos, no caso da escola o que se visa é a ordenação do pensamento do aluno, por meio da reapropriação do legado cultural, representado pelos diferentes campos do conhecimento em pauta. (1996, p.149)

Pode-se compreender a indisciplina do aluno como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções.

Quanto ao desinteresse, a apatia dos alunos pela escola, os professores freqüentemente apontam como causa, a falta de modernização dos recursos didáticos e a falta de atualidade dos assuntos estudados.

Segundo Aquino (1996), esse tipo de raciocínio mais de cunho metodológico, não é bem compreendido no meio educacional. Deve-se ter claramente que a escola tem como objetivo principal a apropriação do conhecimento acumulado em certos campos do saber, o que constitui as diversas disciplinas de um currículo.

Do que se apresentou até aqui, pode-se dizer que no meio escolar, entende-se que é preciso um aprofundamento dos problemas, relativos ao comportamento disciplinar, cujo significado precisa ser revisto e discutido, dentro do atual contexto escolar, pois se constata que o professor está longe de assumir um significado consensual no que se refere às práticas pedagógicas, particularmente no que se refere à indisciplina e ao fracasso escolar.

A escolha nesta pesquisa, de se trabalhar com dados de escolas particulares, decorreu de toda a minha experiência profissional encontrar-se nesse contexto. Quando, no início da pesquisa, ia buscar, escolas para propor-lhes que se

prestassem a ser objeto de pesquisa, observei que nessas instituições havia uma resistência muito grande, tanto de parte de sua direção quanto de parte de seus professores. Essa resistência era, inclusive, feita de forma velada, pois eu era muito bem-recebida ao fazer contato com a escola, mas quando expunha o tema do meu trabalho, delicadamente era dada alguma desculpa e não recebia autorização.

Desse modo, identifica-se que a questão da indisciplina é um problema que toda escola, tanto particular como pública enfrenta, mas que resguarda com muito sigilo. Com dificuldade, consegui realizar a pesquisa em duas escolas particulares que serão descritas no Capítulo 2.

Comecei o trabalho observando primeiramente as salas de aula, para poder perceber quais eram os procedimentos dos alunos e como era a relação com o professor. Depois passei a verificar os livros de ocorrências disciplinares de 2003 a 2005, e baseada neles pude definir os critérios de escolha dos sujeitos entrevistados. A preocupação não era com a indisciplina caso a caso, pois não se tratava de um levantamento de histórias de vida de alguns alunos considerados indisciplinados e sim, de um levantamento sobre a indisciplina no cotidiano escolar. Escolhi determinado número de alunos e de professores que, por meio de entrevistas, pudessem, me revelar aspectos do cotidiano da escola e de suas concepções sobre o receio daquela comunidade escolar de pensar e viver a indisciplina, tendo em vista o grande número de sujeitos com o nome registrado no livro. Optei por elaborar critérios que me permitissem classificar as ocorrências mais ou menos significativas e os definir de acordo com La Taille (1996) que, numa abordagem piagetiana, tratou o tema da indisciplina sobre o prisma da moralidade e do sentimento de vergonha.

Para ele, a manifestação de indisciplina decorre, acima de tudo, de um enfraquecimento do vínculo entre a moralidade e o sentimento de vergonha. Esse enfraquecimento é justificado porque o homem pós-moderno está debruçado sobre si mesmo, é egocêntrico e individualista; para ele não interessa a sociedade, apenas o seu pequeno grupo, e a imagem que quer preservar de si, a qual está freqüentemente associada a valores ligados a condições econômicas e status sociais. Analisando a abordagem piagetiana na pesquisa efetuada, a moral pede disciplina, porém disciplina é moral. O que há de moral em permanecer em silêncio horas a fio, ou em fazer todas as tarefas? Portanto, ao tratar da questão da disciplina pela dimensão da moralidade, não estou pensando no aluno que segue as normas escolares de comportamento, como necessariamente cheio de virtudes, pois ele pode ser movido pelo medo do castigo.

Claro que existe um vínculo entre disciplina em sala de aula e moral. Primeiramente, sobre a disciplina e a moral, discute-se o problema da relação do indivíduo com um conjunto de normas. E, segundo, vários atos de indisciplina, traduzem-se pelo desrespeito, seja ao colega, ao professor ou à própria instituição escolar, como a depredação de suas instalações, etc. É este aspecto desrespeitoso, de certos comportamentos discentes, que preocupa os educadores. Muitos professores têm medo de entrar em sala de aula, não por receio à tarefa de ensinar, mas principalmente por não saberem se irão receber tratamento digno por parte dos alunos. A indisciplina deles é sentida como humilhante pelo professor.

O trabalho está organizado em três capítulos; o primeiro busca traçar o papel teórico sobre a questão da disciplina e indisciplina. O segundo capítulo tratará da relação, professor-aluno na indisciplina em sala de aula, e o terceiro capítulo da discussão dos alunos sobre o que ocorre em sala de aula.

CAPÍTULO 1

Disciplina versus Indisciplina

1.1.Disciplina

Para conceituar disciplina foram escolhidos autores que o fizessem com clareza e que fossem compatíveis entre si e com o significado que atribuo ao termo.

Disciplina provém etimologicamente da mesma raiz que discípulo e discente. Sua conotação refere-se ao relacionamento existente entre o professor, o ensino, a educação e o próprio discípulo.

Mais tarde serviu para designar métodos de ensino e ainda sistemas filosóficos, que incluíam conceitos como disciplina ou domínio de si mesmo, igual à educação assimilada: disciplina ou manutenção da ordem, disciplina ou castigo etc. Poder-se-ia dizer que no nome disciplina incluía-se tudo o que se requer para aprender.

Assim, a palavra disciplina, aplicada ao sistema de normas que regem o governo de uma comunidade e a obediência mais ou menos voluntária a essas normas, configurou vários significados: até hoje se fala de disciplina de partido, disciplina militar, disciplina eclesiástica para designar as formas de conduta e o estilo de vida conseqüentes ao cumprimento de determinadas normas; e, por extensão, fala-se em disciplina escolar referindo-se aos peculiares relacionamentos que – no que diz respeito à educação – se estabelecem entre os elementos pessoais (professor e aluno) de uma instituição educativa. Segundo Tanner:

[...] disciplina é a parte da educação que garante o trabalho dos discípulos ao manter a ordem na classe e, ao mesmo tempo, previne ou reprime os extravios de conduta e busca formar vontades aceitas e caracteres enérgicos capazes de se bastar a si mesmos. Tem pois, dupla finalidade de estabelecer a atual gestão da classe e de ensinar aos discípulos a se autogerir, quando estiverem fora da tutela do professor. (1980, p. 82; tradução minha)

De acordo com Cohen e Manion:

a disciplina escolar consiste no controle do aluno por meio da mescla equilibrada do poder pessoal, que emana naturalmente do indivíduo, das habilidades específicas, da autoridade que deriva do status do professor e das normas vigentes no colégio e na classe. (1977, p. 51; tradução minha)

Para esses autores, classe constitui um contexto particular, no qual se exerce o poder do professor. Compõem-se de quatro elementos que funcionam separadamente ou em confluência:

- a) o carisma ou capacidade de exercer atração ou influência sobre os demais, mediante a própria personalidade, o que não exclui certo grau de sedução;
- b) o poder intelectual ou conhecimento, no domínio de uma determinada matéria;
- c) os recursos implícitos ao próprio poder ou a capacidade para organizar todos os aspectos das atividades dos alunos;
- d) domínio ou a capacidade de obter controle de uma situação.

A autoridade do professor deriva não apenas de seu papel tradicional de oferecer instrução, mas também do sistema de regras que funcionam na escola e na classe, em particular.

Tanner acrescenta:

A disciplina seria constituída por um conjunto de estratégias educativas desenhadas para serem integradas em um modelo de comportamento, que, em linhas gerais, tende à socialização e ao aprendizado; o que é estático e dinâmico, estabelecido e emergente ao processo ensino-aprendizagem. (1980, p.12; tradução minha)

Quanto à disciplina estática, destaca-se a necessidade de dirigir as energias da criança e do professor, em direção ao autocontrole do aluno, enquanto a disciplina dinâmica, pressupõe que a finalidade da educação em uma sociedade democrática seja ajudar os indivíduos a se autodirigir e a agir diante dos objetivos assinalados. (1980, p.26; tradução minha)

A disciplina consiste na imposição de padrões externos e controles sobre o comportamento individual. A permissividade é a ausência de padrões e controles. O autoritarismo é o controle excessivo, arbitrário, e é automaticamente oposto à permissividade. Como a virtude, a disciplina seria um meio termo.

Ausubel (1961) explica que a disciplina é um fenômeno do universo-cultural que realiza quatro funções na formação dos indivíduos:

- a) a socialização, vem a ser o aprendizado dos padrões de comportamento humano aprovados e tolerados em determinada cultura;
- b) a maturidade pessoal é constituída por traços como confiança, autocontrole, persistência, capacidade para tolerar a frustração. A maturidade não é um fenômeno espontâneo, mas sim uma resposta às petições e expectativas sociais específicas;
- c) a interiorização de padrões morais para o desenvolvimento da consciência. Eles não podem ser interiorizados se não estiverem presentes externamente, inclusive depois dessa exteriorização;

d) a segurança emocional não se consegue sem a orientação proporcionada pelos controles externos da forma menos ambígua possível. As crianças sentem-se inseguras quando se coloca um peso excessivo sobre a capacidade limitada de autocontrole.

Pode-se deduzir de tudo isso, que uma disciplina escolar mais democrática baseia-se na mínima imposição de controle imprescindível para conseguir as quatro funções anteriormente descritas. A disciplina e a obediência não são consideradas objetivos em si mesmas, mas meios para conseguir a socialização, a maturidade pessoal, a interiorização de normas e a segurança emocional.

A disciplina democrática, para o aluno extremamente racional, deve ser não arbitrária e bilateral. Deve proporcionar explicações, permitir a discussão e convidar os alunos a participarem no conjunto, na elaboração das normas, sempre que estiverem em condições de fazê-los. Acima de tudo, implica no respeito pela dignidade do indivíduo e reprovava as formas duras e abusivas de castigo.

Essas características fazem da disciplina democrática a mais adequada à cultura ocidental, em que as relações sociais tendem a equiparar os indivíduos. Torna-se mais aplicável, à medida que os alunos se transformam progressivamente em indivíduos responsáveis, capazes de compreensão e de formular normas de conduta que em nenhum caso libera o indivíduo de todos os limites externos, nem exime o professor de sua responsabilidade para tomar as últimas decisões da classe.

A disciplina democrática é um conjunto de estratégias que favorecem a segurança, o autogoverno, permitindo a superação de antinomias até alcançar o

equilíbrio entre autoritarismo e permissividade, de tal forma que a aceitação da autoridade seja um valor; e a disciplina um meio para conseguir a socialização e a maturidade pessoal do educando, potencializando a superação do indivíduo dentro do marco das instituições preestabelecidas.

Para o professor Lino de Macedo (1996), disciplina na escola não é questão de boa conduta nem de formação trazida de casa. “Disciplina se aprende e é do interesse de todo mundo, porque facilita a relação do ser humano com as coisas“. Disciplina é uma competência escolar que as crianças aprendem como qualquer conteúdo. Condição para realizar um trabalho com êxito, é uma matéria interdisciplinar, porque dela dependem todas as outras. Por isso, a obediência não vem a ser resignação, silenciamento e ausência de movimento que determinam a disciplina em uma escola ideal. É como estar inteiro naquilo que se faz. Como diz Aquino: “fazer aquilo que faz sentido para você, de tal maneira que você se voluntarie a fazê-lo“. A disciplina é a relação que pressupõe a postura do aluno em querer aprender e a do professor em querer ensinar.

As questões relacionadas à disciplina, estão intimamente conexas ao conceito de liberdade que cada ser humano ou grupo social considera como pertinente e correto. Disciplina imposta, cria seres heterônomos, apenas capazes de obedecer às regras criadas pelos outros. Disciplina como resultado do interesse, desenvolve seres autônomos, em condições de participar da elaboração das regras e de as obedecer, não por medo do castigo, mas por concordar com elas.

O compositor Renato Russo parecia dirigir-se aos alunos quando cantou que “disciplina é liberdade“, pois seria fantástico se houvesse compreensão generalizada de que, enquanto a liberdade é um bem precioso, seu pressuposto é a autonomia

responsável, e esta costuma vir acompanhada da disciplina de vida. Ainda, na seqüência da mesma música, o poeta parece conversar com os mestres, ao afirmar que “compaixão é fortaleza”, lembrando que a força do educador, é retirada especialmente de sua capacidade de compreender os mistérios da alma humana, para então ajudar a aprimorá-la. A estrofe termina, reportando-se a ambos, alunos e professores, ao dizer que “ter bondade é ter coragem”, porque crescer dói, e o maior ato humano de nossa profissão é compreender essa dor, ao mesmo tempo em que se desenvolve o respeito pela dor alheia, conforme nos ensina Mussak (2003).

Com freqüência, disciplina tem sido confundida como opressão; e juventude como indisciplina. No entanto, aprende-se em Estrella que:

O aspecto positivo da disciplina, pouco realçado, é a capacidade de possibilitar a comunhão. Sem disciplina não há comunhão, e a cultura perde a sua principal ferramenta: uma linguagem capaz de integrar impulso e realidade; juventude e maturidade. (1994, p.86)

1.2. Indisciplina

A existência da indisciplina na escola, raramente é um foco único, mas quase sempre emana de três frentes: a escola e sua estrutura, o professor e sua conduta e o aluno e sua bagunça.

A escola é indiscutivelmente, um foco de indisciplina, muitas vezes por sua organização interna, por seus sistemas de sanções, pela não integração e união entre sua equipe docente e administrativa, pelo estilo da autoridade exercida, e sobretudo, pela ausência de clareza de como encarar a questão da disciplina.

Ensinar não é fácil e educar é mais difícil ainda, mas não se ensina e não se educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido.

Existe certa crença de que as crianças atuais pioraram; e como se, de repente, elas tivessem perdido a noção de limites, de disciplina e de respeito que seus pais tiveram.

Costuma-se compreender a indisciplina na escola manifestada por um indivíduo ou um grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “falta de educação ou de respeito pelas autoridades”, na bagunça ou agitação motora na escola. Como uma espécie de incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões comportamentais esperados. A disciplina parece ser vista como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao se desejar ordem, ajuste, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo. Sendo assim, qualquer sinal de inquietação, questionamento, discordância, conversa ou desatenção por parte dos alunos é entendida como indisciplina, já que se busca “obter a tranquilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças, de tal forma que não haja nelas nem fora delas o que as possa distrair dos exercícios passados pelos professores, nem fazer sombra à sua palavra” (Wallon, 1975).

Em contrapartida, uma outra tendência presente no campo da educação é associar a disciplina à tirania. Qualquer tentativa de elaboração de parâmetros ou definição de diretrizes é vista como prática autoritária, deformadora e restritiva, que ameaça o espírito democrático e cerceia a liberdade e espontaneidade das crianças e jovens. A disciplina assume uma conotação de opressão e enquadramento. Portanto, todas as regras e normas existentes na escola devem ser subvertidas, abolidas ou ignoradas. Sendo assim, apresentar condutas indisciplinadas pode ser entendido como uma virtude, já que se pressupõe a “ coragem de ousar “, de

desafiar os padrões vigentes, de se opor à tirania muitas vezes presente no cotidiano escolar.

A escola, por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. A internalização e a obediência a determinadas regras podem levar o indivíduo a uma atitude autônoma e, como consequência, libertadora, já que orienta a baliza suas relações sociais. Neste paradigma, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites.

A indisciplina, nesta ótica, passa a ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, de intransigência, do não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou de um grupo. Como analisa La Taille:

[...] crianças precisam aderir às regras (que implicam valores e formas de conduta e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo. (1996, p. 58)

Dentro dessas premissas, no plano educativo, um aluno indisciplinado é entendido não como aquele que questiona, pergunta, se inquieta e se movimenta na sala, mas sim como aquele que não tem limites, não respeita a opinião e sentimentos alheios, apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e de se autogovernar, no sentido expresso por Vygotsky (1984), que não consegue compartilhar, dialogar, e conviver de modo cooperativo com seus pais e professores.

“O relacionamento na escola não é simples, dentro dela, sempre haverá professores autoritários demais ou permissivos demais, porque a escola é como

uma fauna: há exemplares de todo o tipo” (Aquino, 2003). É importante haver pessoas mais permissivas, outras, mais autoritárias e, até, pessoas equilibradas.

A sala de aula é a obra intransferível de cada professor, e por muitas vezes, os professores não gostam do que encontram à sua frente, esquecendo-se de que, a escola efetivamente pertence às crianças e aos jovens que freqüentam-na, não sendo eles, portanto, o problema.

Há autores que contribuem para aprofundar as reflexões a respeito dos relacionamentos dentro da escola, questões de incivilidade, indisciplina e violência. Incivilidade, diz respeito à falta de princípios básicos de convivência. Indisciplina é a desobediência às regras de convívio de determinado contexto que são variáveis. Já a violência é aquilo que atenta contra a integridade física e moral da pessoa. As escolas são ilhas de passividade no que diz respeito à violência, que está muito mais presente nas ruas, na mídia, nos estádios e nas famílias. Dados apontam que a escola é um local em que as pessoas convivem pacificamente em comparação com outros locais. Muitas vezes se confunde o que é violência na escola e da escola. A primeira acontece quando problemas de fora são trazidos para dentro dela, como as brigas dos alunos. A escola brasileira não é violenta (Aquino, 2003).

Macedo (1996) chama atenção para a potencialidade educativa dos conflitos, pois a teoria construtivista piagetiana, compreende os conflitos como oportunidades para trabalhar valores e regras, pois nos dão “pistas” sobre o que as crianças precisam aprender. Dessa forma, as desavenças são encaradas como positivas e necessárias, mesmo que desgastantes.

A indisciplina vem a ser as variações e os momentos em que o discente não quer ser discente, não quer aprender, não quer estar atento, silencioso, enquadrado

nas normas do processo pedagógico, ou talvez queira aprender outras coisas e de outra forma. Macedo ainda acrescenta:

Por isso mesmo a diferença entre disciplina e indisciplina, às vezes é muito tênue. A contradição é parte do processo de aprendizagem. Indisciplina é parte do processo da disciplina, como o descanso é parte do trabalho. Ninguém consegue labutar o tempo todo, tem que ter lazer. Ninguém consegue ser racional o tempo todo, tem que ter emoção. Ninguém consegue ser disciplinado o tempo todo; tem que ter indisciplina. (1996, p.41)

Essa relação entre disciplina e indisciplina é uma relação que envolve professor e aluno num processo dinâmico, num campo tenso e contraditório. Às vezes o conjunto dos alunos de uma sala de aula entra em sintonia com o professor, ouvem as explicações em silêncio, anotam, prestam atenção. Todos participam, ouvem uns aos outros, se envolvem no processo de alinhar um objetivo racional, em uma dinâmica conscientemente coletiva de aprendizagem, sob a condução do professor isto pode durar alguns minutos, ou até a aula toda. Mas um gesto, um sinal, uma palavra, pode desfazer todo o élan de conexões que caracteriza o estado de atenção e a sala pode virar uma balburdia, com gozações, vaias, gritaria. É possível voltar ao momento anterior, mas evidentemente não será igual. Essa sucessão de momentos de disciplina e indisciplina, configura o modo de fazer e ser da educação. O momento de disciplina gesta e gera a indisciplina, que irá desorganizá-lo, e é justamente essa desorganização que permitirá atingir um outro momento disciplinar; é flutuante, porque os dois momentos são oscilantes, porque é a própria vivência da disciplina e da indisciplina que possibilitam dinamizar o processo em níveis melhores de qualidade.

Se esta análise for coerente, por que pensadores e educadores de renome insistem em apontar o problema da indisciplina como algo grave e ameaçador da escola contemporânea?

É preciso registrar que a indisciplina deve ser sempre objeto de consideração reflexiva, porque não surge por geração espontânea. A indisciplina é um sintoma. As suas causas podem estar localizadas no âmbito pessoal, familiar, escolar ou comunitário. Para consolo, essa questão não é nova, ao que parece, ela tem atingido outras gerações. Segundo Antunes:

Tanto na vertente da desatenção aos limites, indisciplina, quanto nas escarpas do autoritarismo e disciplina. A educação erra ao estimular o desentendimento, ao aceitar que pais e filhos, jovens e adultos, professores e alunos acusem-se, ao invés de cooperarem. (1999, p.72)

Do que foi apresentado até aqui, pôde-se constatar, a problemática da disciplina, que precisa ser revista e discutida nas suas significações dentro do atual contexto escolar está longe de assumir um significado consensual no que se refere às práticas pedagógicas, particularmente no que se refere à indisciplina e ao fracasso escolar. Os trabalhos que abordam a problemática da disciplina / indisciplina de maneira geral, sob vários enfoques, podem-se constituir em ponto de partida para a discussão deste tema.

Ao fazer uma análise dos discursos produzidos por professores e pesquisadores brasileiros, que tomam como objeto de estudo teses e livros sobre a questão, foram eleitos dois modelos interpretativos. Um, que faz a análise privilegiada da categoria “poder” e discute as correlações desse mesmo poder com a vivência do problema da disciplina na escola, focaliza a crítica e denúncia do autoritarismo tendo como referência a obra de Michel Foucault. Outro, que

problematiza a questão, considerando as relações interpessoais e tomando como referência o quadro das formulações teóricas que dão base ao pensamento escolanovista, com privilégio da categoria com “espontaneidade”. Os dois padrões encontrados podem ser considerados como responsáveis pela generalização de posturas que desqualificam e desautorizam a prática da disciplina como elemento indissociável da educação e como componente imprescindível à ação educacional, que queira contribuir para a transformação da realidade. Tal fato justifica a necessidade de uma pesquisa que venha fornecer elementos de análise para esclarecer os equívocos, que têm levado à desautorização da disciplina.

Aquino, nos últimos anos, dedicou-se ao estudo de temas voltados à problemas concretos da escolarização brasileira, dentre eles: as vicissitudes da relação professor-aluno, os surtos de indisciplina; as violências que entremeiam o cotidiano escolar, a apreensão escolar de temáticas controvertidas e ao mesmo tempo inadiáveis como a sexualidade, o uso / abuso de drogas, o fracasso e a exclusão escolar.

Aquino alerta para a necessidade de uma leitura fundamentalmente pedagógica da indisciplina, que possa compreendê-la inicialmente como um sinal, um indício de que a intervenção não está se processando a contento e que seus resultados não se aproximam do esperado. Ao discorrer sobre a idéia oportuna sobre as ressignificações das práticas escolares, ele sinaliza algumas premissas pedagógicas fundamentais, sugerindo alguns princípios éticos que são apontados como balizadores do trabalho docente.

O primeiro elemento básico apontado por Aquino, é o de que a ação do professor deve ater-se ao seu campo de conhecimento e suas regras particulares de funcionamento. Na relação professor-aluno, núcleo do trabalho pedagógico, deve-se

haver a distinção entre os papéis de aluno e de professor – este é o segundo elemento. O terceiro vem a ser mais importante, pois a sala de aula é um contexto privilegiado para a administração de conflitos, é o espaço no qual se devem equacionar os obstáculos para atingir uma possível excelência profissional. O “código” de regras comuns, definido no início do ano letivo ou do curso, restrito ao campo do conhecimento acumulado, deve ser explicitado para todos os envolvidos, a fim de que sejam partilhadas e conhecidas por aqueles que se encontram no jogo escolar, mesmo que elas tenham de ser lembradas ou transformadas todos os dias.

De acordo, ainda com o autor, é papel da escola considerar o quadro concreto das condições e desenvolvimento dos alunos e de suas necessidades, bem como garantir as condições apropriadas ao processo de ensino-aprendizagem. Assim, as expectativas da escola, por exemplo, devem refletir não uma disposição autoritária, elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na escola, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam.

A ausência de bases democráticas, pela maneira a qual se articulam as relações entre professores e alunos no interior da escola, pode desencadear resistência e contestação por parte dos alunos aos próprios esquemas da escola, o que deve ser considerado uma expressão de indisciplina.

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Ao contrário, tem “evoluído” nas escolas.

Esse fato merece destaque na escola que ainda não está preparada, ou seja, está mal aparelhada para lidar com casos isolados, com “alunos indisciplinados”, por

encontrar obstáculos para lidar com expressões coletivizadas de indisciplina. De qualquer modo, tais indisciplinas devem ser vistas no contexto próprio de escola.

Considerando a legislação federal vigente e as diretrizes educacionais, que propõem a formação de um aluno crítico, capaz de refletir e intervir sobre a realidade social e exercer ativamente a cidadania, a escola precisa desenvolver competências nos alunos. Mas, particularmente, o exercício do pensamento crítico na forma de contestação, quando exercitado dentro da escola, resulta em situações de conflito, se os professores não gostam ou não estão preparados para lidar com os alunos que recorrem a essa forma de expressão.

O fato é que o aluno contestador, em uma sociedade como a brasileira, que tem buscado superar a cultura de repressão, não se conforma com as aulas as quais ele julga que são enfadonhas, desatualizadas, teóricas, ou com relações autoritárias, desumanas ou frias. Desse modo, esse aluno manifesta seu descontentamento de forma veemente, comportamento que necessita ser analisado para além do rótulo de indisciplina, pois se trata da expressão de uma consciência social em formação.

Além do quadro de indisciplina escolar, as escolas com frequência, não mantêm uma cultura disciplinar preventiva, bem como seus profissionais não se encontram adequadamente preparados para lidar com os distúrbios ocorridos em sala de sala de aula. Ainda que haja clareza a respeito de o espaço escolar ser um contexto social em que a indisciplina facilmente se expressa, a ausência da instituição escolar, no sentido de não aproveitar as oportunidades para conduzir bem o assunto, faz com que essa reforce ainda mais a indisciplina gratuita ou contraproducente.

Para sistematizar as diversas causas da indisciplina escolar, elas serão reunidas em dois grupos: as causas externas à escola e as causas internas. Entre

as primeiras, encontra-se a influência, hoje exercida pelos meios de comunicação, pela violência social e pelo ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar à organização da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos, existem motivos para a indisciplina, bem como as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam, que podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina.

É necessário ainda, superar a noção de que a indisciplina é apenas uma questão de comportamento. Se a escola se preocupar somente em resolver “problemas de comportamento”, nunca chegará a ter soluções para a indisciplina. O “bom comportamento” nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas adaptação aos esquemas da escola, simples conformidades ou mesmo apatia diante das circunstâncias.

1.3. Professores versus disciplina

Depreendem-se das respostas de professores sobre a indisciplina, algumas hipóteses; uma, seria que “o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação de antigamente”; outra cogita sobre o meio social, “o aluno de hoje em dia não tem limites, não reconhece a autoridade, não respeita as regras. A responsabilidade pelo fato seria dos pais, que se teriam tornado muito permissivos”. Desse modo, parece que quase todos os professores concordam que o “déficit moral” do aluno explica a indisciplina.

Nas escolas particulares, também há indícios de que a falta de disciplina e de limites podem comprometer o relacionamento entre professores e alunos. Alguns professores, da rede particular, às vezes, sentem-se desamparados, em eventuais embates com o aluno-cliente, pois eles são nesse caso a parte mais fraca. Não têm o apoio dos pais, são muito cobrados e também não são respaldados pela direção das escolas, porque estas se preocupam, antes de tudo em não perder alunos.

Para os professores entrevistados, a indisciplina parece ser uma resposta clara à falta de habilidade dos professores em sala de aula. Talvez se os professores tivessem condições de trabalhar com maior liberdade, sem a pressão dos programas e prazos, os alunos poderiam ter melhor desempenho.

Por essa razão, talvez se possa entender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso, como uma forma de resposta, àquilo que se oferta ao aluno. A indisciplina do aluno pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções.

Sob esse aspecto valeria indagar: Qual tem sido o teor do envolvimento do professor com a profissão? Tem-se posicionado como agente moralizador ou como professor em sala de aula? Tem encarado os alunos, seus parceiros de trabalho, como filhos desregrados, frutos de famílias desagregadas, ou como alunos inquietos, oriundos de uma escola pouco desafiadora intelectualmente? Enfim, indisciplina é uma resposta ao que está fora ou dentro da sala de aula? Ainda mais uma hipótese que os professores formulam freqüentemente, sobre as razões disciplinares, é que:

Para os alunos, a sala de aula não é tão atrativa quanto os outros meios de comunicação, particularmente a televisão. Por isso, a falta

de interesse e a apatia em relação à escola. A saída, então, seria ela se modernizar com o uso, por exemplo, de recursos didáticos mais atraentes e assuntos atuais.

Essas hipóteses explicativas, cometem um engano já de início, que é o de tomar a disciplina como um pré-requisito para a ação pedagógica, quando na verdade, a disciplina escolar é um dos produtos ou efeitos do trabalho cotidiano de sala, de aula.

É sempre bom lembrar que um mesmo aluno indisciplinado com um professor, nem sempre é indisciplinado com os outros professores. Sua indisciplinada, portanto, parece ser algo que desponta ou se acentua dependendo das circunstâncias.

Ter a indisciplinada como uma temática fundamentalmente pedagógica, seria talvez poder compreendê-la inicialmente como um sinal, um indício de que a intervenção, docente não se está se processando a contento, que seus resultados não se aproximam do esperado.

Diante do objeto de investigação, que envolve vários aspectos, muitos dos quais envolvem diferentes leituras teóricas, o estudo não teve como preocupação prender-se a um corpo de doutrinas, pois não se tomou de uma perspectiva teórica para se compreender um fenômeno presente na prática educativa, ao contrário, o caminho trilhado foi exatamente outro: tomar como objeto de pesquisa um problema pontual das práticas escolares concretas. Houve uma busca nos autores e em consequência, em suas abordagens teóricas, conceitos e fundamentos que pudessem permitir esclarecer esse fenômeno e, em segundo plano, encontrar subsídios para compreender a tarefa educacional e o papel da escola numa sociedade democrática.

Contudo, a preocupação foi, por um lado, compreender a indisciplina no campo que pode ser considerado mais particular, e por outro, compreendê-la também, no campo genericamente denominado de social. O que se busca aprender não é apenas o indivíduo, mas o indivíduo num contexto histórico e cultural.

Situar a problemática da indisciplina no campo social é imprescindível, porque seria ingênuo ignorar os aspectos socioculturais que residem na manifestação de comportamentos transgressivos na escola, principalmente porque “as causas da violência na escola, assim como na sociedade em geral, são múltiplas e complexas” (Candau, 1999). Nesse caso, o fenômeno da indisciplina poderia entender-se como um resultado, do conflito de motivações e valores entre professores, membros da equipe técnica e alunos.

Compreender o sentido das variáveis envolvidas no fenômeno da indisciplina pode ser essencial para que o professor compreenda suas atitudes, diminua sua própria inquietação diante do trabalho educativo, em relação à ação disciplinar do aluno para que aumente as chances de êxito no trabalho docente. Esse conhecimento talvez contribua para que o professor possa fornecer condições ao desenvolvimento e autonomia do aluno.

CAPÍTULO 2

Relação Professor / Aluno

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas particulares uma escola situada na cidade de Santos e outra na cidade de São Vicente. Os sujeitos escolhidos para a sua realização da mesma foram os alunos das 7^a e 8^a séries do ensino fundamental II. Baseada em observações que foram confirmadas em conversas pelas coordenadoras, professores e as diretoras das escolas, considerei essas séries de adolescentes as mais indicadas pois nelas, devido às transformações que ocorrem com os jovens nessa fase da vida, os problemas disciplinares são muito freqüentes . Nesse período os jovens vivenciam grande turbulência, adotam uma postura de onipotência e acham que sabem de tudo. Português e Matemática foram as disciplinas escolhidas, pois essas possuem a maior carga horária semanal.

Na verificação das ocorrências classificadas como significativas, em razão de ferirem o conjunto das normas disciplinares da escola apareceram como faltas gravíssimas danificar carteiras, quadros, bebedouros, pichar objetos e paredes, estourar bombinhas em sala de aula, falta de respeito para se dirigir ao professor e aos funcionários, dormir em sala de aula, falta de interesse em aprender, telefone celular tocando, desacatos etc.

O livro registra, em cada episódio, um “termo de compromisso” por parte de aluno, de mudança ou reconhecimento à falta cometida. Nos casos de reincidência, ou nas faltas mais graves que impliquem na suspensão do aluno, há o envolvimento dos pais cuja a presença é solicitada. O critério de escolha dos professores, que seriam entrevistados, foi o envolvimento desses nas ocorrências significativas do

livro. Foram realizadas três entrevistas com alunos, professores, a orientadora educacional, a diretora e a vice-diretora. Todas as entrevistas foram realizadas na própria escola.

Quanto às observações feitas em sala durante vários dias, o seu foco esteve centrado nas interações dos atores que convivem em vários tempos e espaços da escola e na emergência, dentro deles, de forças contraditórias que, ao se transformarem em conflitos, configuravam-se em atos denominados como indisciplina.

Considerando que um regimento pode ser definido como o conjunto de normas regentes do funcionamento de uma organização, propus-me a verificar as possíveis relações entre a dimensão normativo-legislativa da escola contidas em seu regimento, as interações cotidianas e o fenômeno da indisciplina. Constatei que o Regimento está articulado a idéias específicas, ligadas a diferentes concepções de caráter ideológico político e social e a diferentes representações da infância, adolescência, e do papel e função social da escola.

Avaliando diversos episódios interativos, verificou-se que havia atos de indisciplina que eram punidos com, uma simples chamada de atenção, e outros podiam receber até a exclusão, lembrando que esta tem sempre o significado de uma pequena morte social do aluno. Muitos dos episódios interativos, geradores de indisciplinas, feriam o regimento em suas intenções pedagógicas de formar o aluno como cidadão consciente, dentro de um relacionamento respeitoso e democrático, sendo que o grande desafio da escola era conseguir articular – dentro de uma proposta , ideal a intenção formadora e socializadora e o uso das penalidades.

2.1. Táticas e estratégias

Para a análise do resultado das entrevistas, e do fluxo das relações entre professores e estudantes foram de grande utilidade os conceitos de estratégia e a tática, tal como concebidos por De Certeau (1996): a estratégia é denominada como o “cálculo” (manipulação) das relações de fazer com que se tornem possíveis relações nas quais um sujeito, por querer ou poder, venha a ser isolado. “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e de ser base de onde se podem gerir as relações com a exterioridade de alvos e ameaças” (1996). Tática, por sua vez, é a ação calculada que se determina pela ausência de um espaço próprio, portanto, não ocorre em um espaço próprio do sujeito da ação, não ocorre em um espaço caracterizado pela autonomia. “Tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto”. O sujeito da tática confronta-se com a lei de uma força estranha.

Ao lançar mão dessa distinção, pode-se afirmar que os episódios em sala de aula reservam, ao professor, o privilégio de poder quase sempre, utilizar-se de estratégias. O professor tem domínio dos lugares pelo olhar. Ver (longe) equivale a prever, antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço – que pode ser delimitado como próprio e serve como base para suas relações com uma exterioridade, e sobre ela pode impor seus objetivos e lançar suas ameaças.

Os alunos por sua vez estão quase sempre envolvidos na elaboração de táticas, já que suas ações ocorrem normalmente na ausência de um lócus próprio. Por conseguinte, os estudantes elaboram táticas como condição necessária para sua sobrevivência, como fazer para manter a sua vontade em contraposição à do professor.

O espaço dos alunos é na verdade o espaço do professor – o espaço dominado pelo outro. Assim, as relações têm lugar sobre um terreno imposto e organizado pela lei de um poder externo, o poder da instituição escolar e do professor, como responsável pela ordem, e diante do qual, os alunos deveriam comportar-se dentro do padrão imposto. Tal expectativa é frustrada, quando a proposta do professor desagrade aos alunos, que lançam mão de táticas a partir das quais buscam expressar seu desagrado ou fugir às imposições.

2.2. Caracterização da Escola X

A escola de Santos, com mais de 40 anos de trabalho educativo. Fica mais precisamente no Bairro do Boqueirão e atende clientela de classe média e alta. Tem como proposta educativa o desenvolvimento integral da criança e do adolescente, sendo que sua proposta pedagógica segue a metodologia sócio-construtivista e utiliza material apostilado. É coordenada por diretorias geral, administrativa e educacional. Tem um total de 2 mil alunos matriculados nos períodos matutino e vespertino, e o corpo docente é composto de 135 professores. Atende desde a educação infantil até o ensino médio. A estrutura física abrange um prédio de 3 andares, onde estão instaladas 40 salas, laboratório de Ciências (Física, Química e Biologia), laboratório de Informática e de Redação, bibliotecas, piscina, parque, lanchonete e quadra de esportes.

2.3. Caracterização da Escola Y

Na cidade de São Vicente, com mais de 15 anos de trabalho educativo. Essa escola atende a clientela de classe média e alta. Tem como missão o desenvolvimento global da criança e do adolescente. A proposta pedagógica segue

a metodologia mais tradicional em processo de mudança para a sócio-construtivista. Adota o livro didático e é dirigida pela proprietária da escola que exerce várias funções. Tem um total de mil alunos, matriculados nos períodos matutino e vespertino e divididos em dois prédios: um prédio, para educação Infantil e ensino fundamental I e outro, com ensino fundamental II e ensino médio.

A estrutura física da escola abrange dois prédios de dois andares, onde estão instaladas 30 salas em cada prédio, com laboratórios de biologia, informática, biblioteca, piscina, parque, quadra de esporte, lanchonete e um pequeno auditório. O corpo docente é composto de 85 professores.

Em cada uma das escolas, as pesquisas envolveram 200 alunos (todos das séries citadas), 10 professores (todos responsáveis por essas turmas de alunos) e 3 membros do corpo técnico administrativo: a diretora da escola, a coordenadora pedagógica e a orientadora educacional.

A pesquisa contemplou três âmbitos da coleta de dados: observação em sala de aula, realização de entrevistas e aplicação de questionários. Com base nesses dados, desenvolvi uma análise que permitisse expor claramente as concepções identificadas nos discursos dos três grupos de sujeitos.

Na coleta inicial de dados, foram observadas as salas de aula, com a finalidade de traçar o perfil do professor que nela estava atuando, e o seu relacionamento com o aluno. Durante o período de observação foram analisados os comportamentos dos alunos na escola os quais eram classificados como indisciplinados.

Pesquisando o livro de ocorrências da Escola X, escolhi dois professores, que segundo os dados colhidos eram os que mais punham alunos para fora de sala de aula. Foram observados os seus procedimentos para conter a indisciplina durante o

ano todo. Verifiquei, ao assistir as aulas do professor João, que o comportamento dos alunos identificados como indisciplinados são: conversa, aluno voltado para o colega da carteira de trás, alunos fora de seus lugares, em atividades diferentes da proposta, trocando de bilhetes, atirando giz e bolinhas de papel.

O professor interrompeu a aula por várias vezes, pediu a colaboração dos alunos. Conseguiu diminuir o barulho temporariamente, mas os alunos logo voltavam a bagunçar novamente. Esse processo se repetiu por várias vezes durante a aula. Ao se esgotarem todos os seus recursos, o professor tomou a atitude de mandar alguns alunos para fora de sala de aula.

Para o professor João, a aula deve transcorrer com alunos em silêncio, sentados de forma organizada, olhando em sua direção, já que diz: “vamos arrumar essas carteiras direitinho”, “todos prestando atenção nos exercícios que estão resolvidos”, “eu não quero ninguém falando junto comigo” etc.; quando isso não acontece, o recurso que resta é expulsar o aluno da classe.

Em outro momento, ao assistir a aula do professor Luiz, que também se utiliza bastante do livro de ocorrência, pois diariamente põe alunos para fora de sala, constatei que as dificuldades do professor para organizar a classe decorrem do fato de os alunos terem perdido a noção dos limites e do respeito por esse professor.. Várias vezes as suas aulas são interrompidas para chamar a atenção dos alunos, mas não ocorria alteração no comportamento deles.

Verifiquei no decorrer das aulas, que o professor solicita constantemente a participação dos alunos. Sua postura não é constante, e em certos momentos, permite que o aluno tenha uma liberdade maior e em outros não aceita nenhum tipo de brincadeira. Dependendo do momento, o aluno é expulso da classe; e isto ocorre sempre com os mesmos alunos.

Em outra aula em que observei da professora Sônia os comportamentos inadequados ocorreram em diferentes situações: durante a chamada, enquanto escrevia na lousa, quando verificava as tarefas, sentada em sala de aula etc..., os alunos não colaboravam. A relação era de agressividade, por isso precisou-se até expulsá-los da sala para tentar resgatar a disciplina.

Durante a observação na Escola Y, conheci o trabalho do professor Sérgio, que aparentemente tem ótimo relacionamento com a classe. Ao participar das atividades de sala, percebi que os alunos se comportavam com falta de respeito, pois faziam o que queriam dentro da sala de aula. Alguns escutavam música, andavam pela sala, telefone celular tocava, dormiam e bem poucos acompanhavam às aulas. O professor Sérgio na Escola Y é o professor que mais tem ocorrências no livro.

Os procedimentos disciplinares das duas Escolas X e Y são muito semelhantes, pois os problemas disciplinares são registrados no livro, o aluno é advertido verbalmente e por escrito de acordo com as necessidades. Na Escola X, todo aluno que sai de sala é orientado para que melhore seu comportamento, na segunda ocorrência o aluno é advertido verbalmente ou por escrito, dependendo da gravidade do fato ocorrido, e caso permaneça com o mesmo comportamento, os pais serão chamados e o aluno suspenso de todas as atividades da escola.

Tanto a Escola X como a Y orientam os professores para não expulsarem alunos da sala, pois este é o lugar do aluno e a sua permanência em classe, ainda é considerada o maior castigo.

2.4. Se o professor não tem problemas disciplinares, de onde eles surgem?

Nos aspectos ligados à postura do professor em sala de aula, procurou-se, em um primeiro momento da entrevista com os docentes conhecer quais eram seus procedimentos e como lidavam com as questões da indisciplina. Foi questionada a possibilidade de vincular as regras e as noções de limites ao dia-a-dia do educando, como a relação professor / aluno afetava a rotina de sala, como se posicionavam perante as dificuldades para conter o grupo no cotidiano escolar.

Num segundo momento, foi solicitado aos professores que se manifestassem a respeito do que consideravam “indisciplina em sala de aula” e quais seriam suas sugestões para resolver os problemas. É necessário explicar que durante as entrevistas, os professores não assumiram estar passando por problemas com a indisciplina de alunos, porém, diziam ter ciência de que outros passaram por esse dissabor.

Observou-se que apesar de todas as críticas e reclamações feitas pelo professor durante todas os dias letivos na hora de pontuar a respeito de suas dificuldades em lidar com a indisciplina, parecia que ele não se conseguia ver no problema. Com todas as queixas do professor sobre o que dificultava o trabalho de equipe de apoio da escola em relação à indisciplina nem sempre ele conseguia perceber suas dificuldades para resolver a questão em sala de aula. Durante seus relatos, observei freqüentemente a afirmação de que esse problema só acontecia com os colegas e que ele não passava por essa situação.

Os professores admitiram saber que a “indisciplina” está dentro da sala, mas não admitiram que isso acontecia também com eles ou quando ocorria, o problema era contornado de imediato.

Alguns docentes relataram que um dos fatores que mais estimula a indisciplina, ou a falta de consideração dos alunos para com o professor é a falta de coerência entre o que o professor diz e o que ele faz. Outro fator citado é a falta de domínio do conteúdo por parte do professor, que o deixa em desvantagem. Para outros, foi citada a questão da falta de autoridade tanto na esfera familiar quanto na esfera escolar, fato ao qual atribuíam muita importância. Havia nas falas dos professores entrevistados, um tom de acusação sobre a falta de limites, limites esses que deveriam ser dados pela família.

Outro fato importante depreendido das observações é que alguns professores reclamam sobre determinadas turmas, mas nem sempre os problemas ocorrem com os mesmos alunos.

Segundo os professores a questão da relação professor / aluno pode ser afetada na medida em que o professor se sente desprotegido pela escola, achando que ela prioriza os alunos. As duas escolas, por serem particulares, enfrentam o problema do professor achar que a razão é sempre dada ao aluno e acreditam que o professor esteja sendo desvalorizado.

A dificuldade em lidar com os problemas da indisciplina é quase que geral nas duas escolas; e cada professor a seu jeito tenta solucionar a questão. As situações provocadas pelos alunos durante as aulas como jogar giz e bolinhas de papel, conversas paralelas, atitudes e palavras inadequadas parecem que já estão introjetadas na rotina da escola. Esses fatos passaram a ser um desafio para o professor, pois a escola considera que é seu papel dele conter esses atos e fazer com que a classe aprenda.

Observando, percebi que alguns professores mantêm a disciplina, mediante regras mais rígidas que impõem sua autoridade, outros não conseguem fazer valer nenhuma regra e por isso ficam desautorizados perante a classe.

Tais constatações vêm reforçar que no cotidiano da escola a violência cresce cada vez mais, porém, isso não é novidade sempre houve alguma forma de violência, pelo menos na visão dos educadores, que são contrários à disciplina. A indisciplina não é, portanto, “privilégio” da modernidade. Em outros tempos, a ação indisciplinada referia-se mais às transgressões ativas (como conversar e andar) e, às vezes, às transgressões passivas ou de fuga (como não desenvolver os trabalhos escolares). Hoje, mediante observações feitas verifica-se, que as manifestações são bem mais agressivas, são também transgressões envolvendo valores éticos (como mentir e roubar); transgressões agressivas, destrutivas ou evasivas nas relações com o ambiente físico (como sujar, e/ou quebrar a sala de aula e a escola) e transgressões envolvendo violência oral ou corporal (como ameaçar ou agredir).

2.5. O que dizem os livros de ocorrência: observações da equipe e dos professores

Pela consulta aos livros de ocorrências utilizados pelas escolas, consegui verificar quais os alunos que costumam sair das aulas, os motivos que foram classificados como indisciplina e quais os professores que expulsam mais alunos de aula.

As ocorrências foram feitas pelos professores que explicaram o fato durante a aula. Após a ocorrência, o aluno conversa com a equipe de apoio e, às vezes, com o professor, dependendo da situação. De acordo com as regras da escola, as punições são aplicadas conforme a gravidade do ato indisciplinar e, por muitas

vezes, o aluno é obrigado a prometer que não irá mais conversar, fará todas as atividades em sala e em casa obedecerá os professores, ficará no lugar, não atrapalhará as aulas e passará a ser um aluno exemplar. Será possível a um aluno envolvido em atos de indisciplina cumprir todas essas promessas?

Nas análises que fiz, ao longo do estudo, as ocorrências sempre apontavam que o aluno não conseguia cumprir o “contrato” entre aluno e escola. Esse contrato é intermediado por um conjunto de normas disciplinares que incluem direitos e deveres, logo é possível dizer que se trata de uma espécie de moral compartilhada. Se as ocorrências registradas se repetiam, é porque, claro, os atos de indisciplina também se repetiam e, mesmo registrados e punidos, teimavam em continuar entrando em cena.

Sendo assim a repetição dos atos de indisciplina ocorrem em razão da incorrigibilidade dos alunos, da desestruturação, da falta de limites, ou da falta de controle por parte dos professores e diretores em dirigir a contento a cena escolar.

Em síntese, o conhecimento das ocorrências disciplinares só pode acrescentar algo ao estudo da Indisciplina Escolar, se tais ocorrências forem entendidas como sinais de uma conjugação de forças em um determinado momento histórico-social. O conjunto de ocorrências dos grupos, constituídos pelas turmas de 7^{as} e 8^{as} séries das escolas pesquisadas, revelou demandas de liberdade, e um tom permanente de impotência dos professores diante de novas solicitações.

Os pontos citados nos livros demonstravam que a indisciplina se caracterizava pela falta de respeito e de interesse pela aula etc. Quanto às razões da indisciplina, o que identifiquei na análise das suas ocorrências é que eram sempre atravessadas pela questão da autoridade do professor e da autodisciplina.

Os alunos não conseguem parar de conversar, levantar, portanto, não conseguem se autodisciplinar.

Na opinião do pesquisador La Taille, o professor está muito isolado, sobretudo na escola particular. É como se o problema da disciplina fosse dele, quando, na verdade, é da sociedade.

2.6. Quem tem problema de disciplina? A escola ou o professor?

Partindo do fato das escolas não confessarem ter problemas de disciplina e de os professores entrevistados, que alegaram conhecer os problemas de disciplina, mas não assumiram o dilema em sala de aula, fica a pergunta: De onde surge o problema da indisciplina?

Segundo alguns professores, a disciplina é necessária para a aprendizagem em sala de aula. Sendo a disciplina escolar consequência da organização total da escola, isto é, em que valores a escola se baseia e, como isso se reflete na relação que se estabelece entre o professor e o aluno.

Durante as minhas observações constatei que alguns professores rotulam seus alunos. O comportamento do aluno em sala de aula tem sido influenciado pelo conceito que ele faz de si próprio e pela expectativa que o professor tem dele. Assim, o aluno que foi rotulado de “problema”, “indisciplinado”, “desajustado”, tende a introjetar esses estereótipos, formando um conceito negativo de si. Tende a agir de forma a reproduzir o comportamento que é esperado dele. Será que o professor não contribui com a indisciplina quando tem atitude discriminativa?

Outros professores opinaram que problemas disciplinares ocorridos na sala de aula deveriam ser resolvidos pela equipe de apoio da escola, mediante comunicação aos pais desses alunos. Verifiquei que os professores esperam que a

equipe resolva definitivamente os problemas disciplinares. Como nem sempre isso ocorre, há uma grande frustração por parte do professor que se considera desprestigiado e desautorizado.

Observando o grupo de professores das duas escolas, e durante nossas conversas, discutimos que a indisciplina poderia estar sendo gerada pela própria escola, pois temos diante de nós um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas, em certa medida, guardamos, como padrão pedagógico, a imagem daquele aluno submisso e temeroso. Nesse caso, concluimos que indisciplina seria sintoma de injunção da escola idealizada, gerida para um determinado tipo de sujeito e freqüentada por outro.

Sob a ética da Psicologia Institucional encontramos os estudos de Aquino (1996 e 1999), Guimarães (1996), La Taille (1996) e Vaz (1999) os quais fornecem algumas explicações para a indisciplina, Aquino (1996) analisa a responsabilidade da escola. Denuncia que o seu despreparo para receber o aluno e o equívoco de suas práticas excludentes, promovem o confronto cultural entre professores e alunos, produzem a indisciplina e representam um retrocesso da escola. Guimarães (1996), argumenta que a escola se relaciona com alunos e com sua equipe de profissionais conforme uma visão homogeneizada da pessoa humana. Critica a crença de que quanto mais iguais forem as pessoas, é mais fácil dirigir e controlar o funcionamento da escola. Na perspectiva de La Taille (1998) a disciplina é relacionada ao cumprimento de normas, a indisciplina pode ter relação com a observância das normas; ele aponta ainda que a desobediência às normas tem dois motivos: a revolta contra as normas ou o desconhecimento delas. Araújo (1996), ressalta que moralidade está relacionada às regras. Para que uma regra tenha vínculos com a moralidade, seu princípio deve ser de justiça e a regra não de ser

imposição gratuita. Tanto La Taille (1996 e 1998) como Araújo (1996) defendem que o desrespeito às normas pode ser sinal de autonomia, como uma forma de resistência às imposições do autoritarismo.

Ao analisar os dados dos autores, interpretei que a escola está pouco preparada para receber e assimilar os alunos em seu contexto. Nota-se uma rejeição por parte da escola em administrar as situações sociais concretas de seus alunos, ou seja, o aluno já traz uma história de vida que vai influenciar sua postura em sala de aula. Do ponto de vista sócio-histórico, a indisciplina passou, a ser uma força de resistência dos alunos à instituição escolar.

2.7. Problemas com alunos em sala de aula. Quais as maiores dificuldades do professor?

Os professores quando analisavam os comportamentos dos alunos na escola, com relação à indisciplina, encontraram uma série de justificativas para que são importantes para análise das situações.

Em uma lista de problemas de indisciplina, foi solicitado aos entrevistados que assinalassem a opção mais importante. Mediante essas escolhas, verificou-se que os principais problemas são a falta de respeito, a falta de limites, a falta de motivação, o fracasso escolar e a desestruturação familiar.

A primeira hipótese de explicação da indisciplina seria a de que “o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual tornou-se permissiva”. Antes o respeito do aluno era fruto de uma espécie de submissão e obediência da hierarquia escolar. Hoje o respeito ao professor não mais pode advir do medo da punição, mas da autoridade inerente ao seu papel. Hoje o professor não é mais um encarregado de distribuir e fazer cumprir

ordens disciplinares, mas um profissional cujas tarefas nem sequer se aproximam dessa função disciplinadora de antes, que exige do outro – os alunos – a passividade.

A segunda hipótese explicativa: “a falta de limites”. De acordo com os professores a falta de educação, o excesso de liberdade em família, a falta de compromisso, de interesse e de apoio da família são fatores que mais interferem no cotidiano escolar para impor limites aos alunos.

Todos os professores que responderam o questionário relataram esses fatores como desencadeantes da indisciplina na escola. As conseqüências estão nas salas de aulas, na sociedade, onde os alunos fazem o que querem, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras.

Segundo boa parte dos professores, a família em certa medida não ajuda o professor, pois os alunos seriam frutos da “desestruturação”, do “despreparo” dos pais que os abandonaram. Portanto a criança mal-educada “converte-se automaticamente em aluno indisciplinado na escola”.

A terceira hipótese explicativa: “o aluno desinteressado”. A dificuldade em provocar o interesse dos alunos para aprender foi citada por parte dos professores, que apesar de suas tentativas, não conseguem motivá-los. Os docentes atribuíram que há coisas muito mais interessantes que a escola não oferece, referindo-se à sociedade moderna, seus apelos mercadológicos e que isso explica a falta de motivação.

Alguns professores disseram que não são difusores de informações e muito menos, animadores de platéia, da mesma forma que o aluno não é um expectador ou ouvinte. Na escola, portanto, não se “repassam” informações simplesmente:

ensina-se o sujeito a pensar sobre o significado das diversas coisas com que tem contato na vida em geral. Para Zagury:

[...] é preciso rever com urgência a questão da autoridade e dos limites dentro do contexto família-escola sem o que dificilmente poderemos alcançar o objetivo. A instituição escola precisa reencontrar-se com seu papel de autoridade, sem que isso represente autoritarismo. O que o professor necessita para concretizar uma ação socializadora? (1996, p.:90).

2.8. A equipe pedagógica e a relação professor / aluno

Tendo como pressuposto a visão da equipe pedagógica na escola, como acontece em qualquer instituição, existe a crença de que as pessoas deveriam ser todas iguais. Há quem afirme “quanto mais igual, mais fácil de dirigir”. A homogeneização é buscada por meio de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades dos alunos, dos professores, dos diretores que se enquadrem no tempo, espaço, movimento, nos gestos, impondo aos corpos uma atitude de submissão e dualidade.

Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é provocadora de resistência. A classe é o lugar em que tece uma complexa rede de relações. Na medida em que o professor não consegue perceber essa teia concentra-se nos conflitos ou na sua pessoa, ou em alguns alunos, não os deslocando, portanto, para o coletivo.

O professor imagina com alguma razão, que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade. Ao mesmo tempo em que a ordem é considerada necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo. De um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas,

de outro, se vê como que incumbido de contribuir para que o aluno passe a ter autonomia no trabalho e na vida.

A equipe pedagógica caracteriza a indisciplina como obstáculo ao trabalho do professor, pois fica evidente quando as transgressões são avaliadas considerando-as obstáculos ao desenvolvimento da aula ou ao funcionamento da escola.

Pode-se dizer, portanto, que são, principalmente, três os sentidos da indisciplina na escola. Ela assume um sentido pedagógico quando os comportamentos “indisciplinados” são avaliados tomando-se como referência as condições de realização do trabalho pedagógico ou do funcionamento da escola como um todo. Ela assume um sentido ético e moral quando as avaliações tomam como referência o domínio e a aceitação de regras e limites pelos alunos e, ainda, a presença e/ou ausência de padrões morais normativos da ação humana nos comportamentos em avaliação. Por fim a indisciplina tem um sentido individualista e egocêntrico, se direitos e necessidades individuais são postos acima de direitos e necessidades sociais, se comportamentos são avaliados como manifestação necessária ao sujeito, quer para o bem-estar psíquico, quer para o bem-estar social.

Pelas informações citadas sobre a visão das equipes pedagógicas das duas escolas pesquisadas, foi observado que a relação entre equipe e professor nem sempre é muito harmônica.

Dentro dos critérios estabelecidos pela Escola X, apesar de a postura do professor em relação à indisciplina nem sempre ser a esperada pela equipe, a posição das coordenadoras é de apoio total às medidas tomadas pelos professores. Nessa escola quando o aluno é expulso da sala de aula, o procedimento é sempre de conversar com ele para apurar o ocorrido e depois pedir o comparecimento do professor para mais esclarecimentos. Pela conversa, a coordenação espera, que a

relação professor-aluno seja fortalecida e os problemas sejam resolvidos. Mas nem sempre o professor fica satisfeito com as providências tomadas, muitas vezes não comenta sua insatisfação e quando isso ocorre, as relações ficam comprometidas.

A postura da equipe pedagógica na Escola X é sempre de defender o professor quando ocorre qualquer problema de indisciplina, mesmo verificando que as atitudes não foram adequadas. Apesar de todo trabalho desenvolvido pela equipe pedagógica com os professores e alunos, parece que, a cada dia, está mais difícil conscientizar professor e aluno de seu papel dentro do cotidiano escolar.

Todas às vezes que a coordenação interfere no trabalho do professor em sala de aula, este fica desautorizado. Dentro do contexto da escola particular, todos os recursos para recuperar o aluno indisciplinado deveriam ser utilizados para não perder alunos e nem sempre o professor concorda com essa prática.

Na Escola Y, os procedimentos, por vezes ocorrem de outra forma. A coordenação tenta conscientizar os professores sobre sua postura e como deveriam proceder com os alunos, pois a direção tem grande participação nessas questões.

As regras de como proceder são sempre estabelecidas pela direção, que coloca o aluno numa situação de proteção. A interferência da direção na rotina da escola é sempre muito difícil para a equipe pedagógica, pois mesmo não concordando é obrigada a cumprir as ordens.

Essa relação gerou muitos problemas na relação professor e a equipe pedagógica, pois a insatisfação dos professores com as medidas adotadas e a sua falta de coerência deixam o professor totalmente sem respaldo.

A direção da Escola Y interfere e deixa sempre claro que as regras deverão ser cumpridas de acordo com aquilo que ela acredita. A visão da escola como uma empresa e o aluno como um cliente fica muito forte no cotidiano, na medida em que

a escola sempre deixa clara a necessidade de aumentar o número de alunos em relação ao ano anterior.

De acordo com esses procedimentos o índice de trocas de professores de um ano para o outro é muito elevado, pois quem não estiver de acordo com as regras, não trabalha na escola.

2.9. Relato de duas professoras bem-sucedidas

Durante a pesquisa toda observei que apesar das dificuldades dos professores em relação à disciplina, existem professores bem sucedidos que demonstravam encontraram dentro da sala de aula a harmonia necessária para a relação professor-aluno, por isso resolvi relatar pelo menos dois fatos que demonstrassem que é possível manter a disciplina com papéis bem definidos, tendo o respeito como base de tudo.

A professora **Antonia**, que trabalha na Escola **X**, relatou que nunca teve problemas de indisciplina em sala de aula. Quando inicia o ano letivo logo no primeiro dia de aula ela já faz os combinados com a classe. O que seriam os combinados?

A professora explicou que já estabelece com todos os alunos como deverá ser a postura em suas aulas, pois ela não aceitará alunos sem lição de casa e de classe, falta de respeito, boné, chicletes, conversas paralelas durante as explicações, brincadeiras inadequadas, deixando claro que caso eles não cumpram esses combinados ela não entrará em sala. Essa cobrança já é feita na porta da sala de aula a professora só entra em classe quando a turma está organizada da maneira que ela pediu.

Ela acredita que um fator determinante para o controle da disciplina é a competência do professor em relação ao conteúdo, pois o conhecimento sobre o assunto que está sendo estudado, traz segurança para o professor. Para ela o aluno percebe se o professor sabe muito ou não; é muito importante o educando respeitar o conhecimento do professor.

O respeito em sala de aula é conseguido segundo Antonia com autoridade não com autoritarismo. Ela respeita o aluno e não acredita que ele tenha medo dela. Na escola em que trabalha a equipe de apoio sabe que ela não costuma expulsar aluno da sala por indisciplina, pois acha que o aluno nesses casos manipula a situação de acordo com a sua conveniência.

Durante a sua entrevista ressaltou que a falta de participação da família como parceira da escola, tem propiciado muitos problemas na relação professor-aluno. Ela conta que já ouviu de aluno: “você esta preocupada com as minhas tarefas e a minha mãe não liga”.

A professora **Ana** também é considerada como bem-sucedida na questão da indisciplina. Disse que para ela disciplina depende do “estado de espírito” do professor, pois aquele modelo de aluno a quem não é permitido conversar e brincar está fora do contexto da escola atual. Ela acredita que os limites não devem ser impostos e sim propostos; a professora se considera enérgica, bem humorada e costuma estabelecer alguns acordos ou combinados com a classe.

A proposta seria a de conquista dos alunos, pois ela não costuma bater de frente com eles. Os acordos vão dar aos alunos a chance de participar da elaboração de regras. A professora põe fim ao conceito de disciplina como um mecanismo de repressão ou controle, mas como uma oportunidade para desenvolver no aluno a autonomia.

As duas professoras acreditam que a solução é mudar a forma pela qual as regras são trabalhadas na escola. Em vez de impor normas de comportamento aos alunos, algumas escolas deveriam criar mecanismos para discuti-las de maneira mais democrática possível. Segundo AQUINO (1996), “enquanto houver um educador dizendo aos alunos o que fazer, haverá estudantes protestando contra regras arbitrárias. Se a norma for: alunos não abram a boca, é inevitável que eles se manifestem”.

As duas professoras bem-sucedidas na questão da indisciplina apresentam propostas bastante semelhantes; pois acreditam que ao autoritarismo, os gritos e o bom e velho “já para a diretoria” não funcionam mais. A melhor saída para manter a ordem é a negociação de objetivos e regras com os alunos, que vão aos poucos aprendendo a ter disciplina. Com os combinados o aluno não fica ansioso, pois sabe o que vai acontecer com ele. O espaço de diálogo com o professor é garantido. Terminando a entrevista as professoras afirmaram que manter a disciplina é, sem dúvida, uma arte que poucos mestres dominam.

Mediante observações das aulas de duas professoras, verifiquei que apesar dos combinados a relação professor / aluno é importante no processo do ensino/aprendizagem. Deverá ser, de preferência, amistosa de ambas as partes, mas não poderá, em hipótese alguma, ser confundida com igualdade. A relação pedagógica deve embasar-se em uma hierarquia, na qual os papéis de educador e de educando devem estar bem definidos e serem respeitados. Mesmo que o professor exerça sua autoridade de forma democrática e participativa, tem ele o direito de manter em classe as condições que permitam a ocorrência da aprendizagem.

CAPÍTULO 3

A RELAÇÃO PROFESSOR VERSUS ALUNO

A pesquisa foi realizada por meio de observações em sala de aula, questionário respondido pelos alunos e entrevistas realizadas na escola. O questionário continha duas indagações. O que é disciplina para o aluno? Que atitudes, segundo os alunos, melhorariam a disciplina? Como já foi dito no Capítulo 2, a pesquisa envolveu em média 200 alunos de 7^a e 8^a séries do ensino fundamental das duas escolas, em um período de seis meses de observação, durante o qual a autora visitava as escolas duas vezes por semana.

Pedi para que uma professora aplicasse o questionário, para que não houvesse nenhum tipo de constrangimento do aluno ao responder as questões, pois, diante de outra pessoa que não fosse o professor, o aluno poderia adotar comportamento diferente e reagir de modo diverso ao que reagiria perante as respostas. A observação demonstrou que os alunos tentam manipular o professor, adotando modelos para respostas que não condizem com seu comportamento em sala de aula..

Analisando os dados obtidos nas escolas pesquisadas, cujas propostas são consideradas de vanguarda, é possível perceber que quando os alunos respondem à questão referente ao que seria indisciplina para eles, manifestam uma visão conservadora, mesmo quando suas atitudes demonstram o contrário. Entretanto, essas escolas têm problemas com a disciplina e classificam alguns de seus alunos como indisciplinados.

Esse modelo de escola de vanguarda mostra uma escola mais aberta, com proposta pedagógica mais voltada para o ensino e a aprendizagem. A disciplina é obtida na base do diálogo, buscando levar o aluno a refletir sobre suas atitudes. O professor tem menos autoridade, denotando, muitas vezes, perda de comando da sala.

Outros fatores encontrados são relevantes, como a necessidade que os alunos têm de que seus pares sejam responsabilizados por suas atitudes, da importância de que o papel do professor seja bem definido. Muitos acreditam que seja necessário excluir o aluno indisciplinado do grupo, para que esse rigor sirva de exemplo para os alunos que não colaboram. Outro dado colhido durante a pesquisa foi que a questão da indisciplina, nas respostas dadas, esteve sempre ligada ao reconhecimento da autoridade de professor. Para os alunos é indiscutível que professor perdeu totalmente o controle da sala de aula. Se a indisciplina, no entanto, segundo alguns autores, pode ser a resposta dos alunos a tudo que ele não concorda, porque ele não questiona a escola, não diz que a escola deve ser mudada, não põe em dúvida a qualidade das aulas e seus conteúdos?

Essa passividade em relação aos procedimentos escolares foi verificada durante as observações feitas pela autora em sala de aula. Passividade que não se verificava sempre no cumprimento das tarefas propostas. A recusa em obedecer e a insistência em fazer coisas diferentes daquilo que foi proposto, como conversar e brincar, são freqüentes.

3.1. Que é disciplina para o aluno?

A sala de aula está longe de ser o lugar em que reina a ordem. A bagunça em sala de aula muitas vezes começa com conversas paralelas, o professor pede a

colaboração dos alunos e os eles não colaboram. A partir daí a classe está comprometida e os alunos começam a jogar giz, respondem ironicamente ao professor, até que consigam, muitas vezes, ser convidados a sair de sala. O professor se irrita porque o aluno, em muitos casos, sai rindo. Com esse procedimento, o aluno usa de suas táticas, como cita De Certeau (1994), e o professor muitas vezes não percebe a manipulação.

De acordo com os comentários relatados pelos professores no Capítulo 2, verifiquei que muitos comportamentos identificados como indisciplina pelo professor também fazem parte do relato dos alunos. O comportamento inadequado do aluno em sala de aula, que tanto incomoda o professor, também incomoda muito os colegas, pois muitas vezes as aulas são interrompidas para chamar a atenção do grupo, cuja atitude é considerada inadequada.

Há, por parte dos alunos, o relato de que existe uma falta de coerência na postura do professor, pois, em certos momentos, permite que o aluno brinque e, em outros momentos, exige silêncio. Isso denota que, apesar de todos os argumentos usados pelo professor, falta estratégia para lidar com essas situações.

Dentro do contexto de sala de aula também é muito claro para a classe que existe um grupo que lidera a indisciplina. Sobre a postura do aluno em sala de aula, procurou-se, durante a pesquisa, conhecer como ele lidava com a indisciplina em sala. Foi perguntado de que maneira resolver o problema, para não comprometer a relação aluno-professor. Verifiquei que o aluno tem a percepção exata de quais são os comportamentos que comprometem diariamente a rotina da escola e pedi sugestões para resolver esse problema.

Apesar de os professores não assumirem, como vimos no capítulo anterior, os problemas disciplinares que ocorrem dentro da sala de aula, os alunos, por sua vez,

detectam com muita clareza sua existência, percebem e identificam os responsáveis e, muitas vezes, não concordam com os procedimentos dos colegas.

Para Paulo Freire (1997, p.59), é indispensável que o professor acostume a fazer uma reflexão crítica sobre sua postura e sobre a avaliação da sua prática educativa em relação aos educandos. Sua presença em sala de aula é de tal maneira exemplo que nenhum professor escapa ao juízo que dele fazem os alunos. Por isso, a importância do exemplo do professor que deve primar pela lucidez e coerência, engajando-se na defesa dos direitos e deveres. Pelas respostas dos professores não percebemos essa reflexão, mas, talvez ela exista. Talvez a consciência do professor seja maior e ele não negue para si, aquilo que nega publicamente.

Os alunos também percebem dentro da dinâmica de sala de aula que falta coerência entre o que o professor diz e que ele faz. Dizem os alunos que, sobretudo, quando falta, por parte do professor, domínio sobre aquilo que ensina, o fato gera insegurança e fortalece o grupo contra ele. A necessidade de participação da família para estabelecer “limites” e “respeito” também foi considerada fator relevante, pois muitos alunos atribuem a falta de educação dos colegas como desencadeadora dos problemas disciplinares que algumas vezes terminam no desacato ao professor. Relatam também que a falta de respeito que existe dentro da sala de aula entre os alunos também é um fator de grande importância, pois há uma violência silenciosa que começa dentro da sala de aula, é desagregadora e, muitas vezes, responsável por problemas disciplinares que correm diariamente na escola.

A pesquisadora observou também, que pelo fato de as escolas serem particulares – aquelas em que foi realizada a pesquisa – o aluno já está mais à vontade para desacatar professores e funcionários, pois se considera protegido e

impune: paga a mensalidade da escola e de certa forma esse fator deixa o professor desvalorizado, pois parece que o aluno está sempre mais amparado pela direção da escola. Tal sensação é muito presente, tanto no professor, como no aluno. O aluno julga muitas vezes o trabalho do professor pela falta de controle que ele tem durante a aula. A incapacidade de conter a classe por parte de quem deveria fazê-lo, deixa o aluno inseguro quanto aos procedimentos da escola. O aluno também demonstra que o modelo de professor que “estabelece regras rígidas e tem autoridade perante a classe”, bem aquele que “é enérgico, mas controla e ensina bem”, compreendem a questão da autoridade como algo que tem a mesma conotação, tanto para o aluno quanto para o professor. Ao comparar esses dois modelos com os demais, ficou claro que ambos acreditam que seja impossível ensinar sem que a disciplina seja estabelecida e disciplina deve ser entendida como capacidade do professor para impor à classe sua vontade e suas determinações de trabalho. Será que o professor ideal é aquele que tem autoridade bem definida em sala de aula?

Outra questão é a dificuldade do aluno para cumprir as regras da escola, pois muitas vezes não consegue atender os “combinados” com o professor, por não concordar com a rotina do cotidiano escolar. Fica uma pergunta: em quais condições esses “combinados” são estabelecidos? Estará o aluno em posição de recusá-los, ou, mesmo, de negociá-los? Frequentemente esses acordos ocorrem depois da descoberta de uma falta cometida pelo aluno, fato que o põe imediatamente em desvantagem dentro da situação.

3.2. Que atitudes, segundo os alunos, melhorariam a disciplina?

Levando-se em consideração que a maioria dos alunos acreditam que o respeito, a organização e a educação são fatores de suma importância para resolver

os problemas disciplinares, a autora acredita que o aluno que está hoje na escola vive uma grande contradição, pois se, por um lado, nos induz a pensar que é pela indisciplina que ele manifesta sua discordância dos procedimentos da escola, por outro, ele ainda dá a entender que acredita que o modelo da escola tradicional e conteudista, que representa toda rigidez de procedimentos, seja a escola adequada para controlar os problemas disciplinares.

Os alunos, ainda, pelas respostas, parecem acreditar que a disciplina deva ser ensinada, em casa, pelos pais. Ao ler as respostas, pode-se pensar que são adeptos de um modelo tradicional de escola e de família. Não têm respostas novas e talvez não pudessem tê-las, uma vez que muitas vezes são frutos de famílias desestruturadas que os deixam sós.

Esse modelo de escola tradicional referido durante a pesquisa, é uma escola caracterizada pela passividade, transmissão de conteúdos, memorização, em que a disciplina era imposta, o professor era autoridade máxima dentro da sala de aula. Era um modelo no qual o aluno não ousava desrespeitar o professor, pois a escola era autoritária.

Segundo Tiba (2005, p.127), a família cumpre seu papel perante a sociedade, quando, sem excesso de permissividade e de regras no lar, se dispuser a participar mais ativamente da vida escolar do filho, atuando ao lado da escola e do professor, em prol da qualidade da aprendizagem. A auto-estima do aluno, que seria fator primordial nas relações humanas, fica prejudicada, tanto nas relações intra como nas interpessoais, quando uns não são capazes de valorizar os outros. Muitas vezes o aluno, ao chegar à escola, já traz sentimento de estar sendo menosprezado ou diminuído. De acordo com o autor, os pais prejudicam muito mais o filho com o receio de traumatizá-lo e com a falta de limites, do que o fariam com a imposição de

uma frustração educativa. Os alunos pedem, ainda, coerência da escola; acreditam que as regras precisam ser estabelecidas pela escola e por ela cumpridas. Alguns se referem ao fato de que o professor deve conquistar e não simplesmente impor respeito. Infelizmente não esclarecem melhor como seria isso. Tendo como princípio que a escola particular não trabalha com a possibilidade de perder o aluno, muitas vezes ela investe para melhorar a qualidade da relação entre o professor e o aluno. Esse esforço quase sempre não alcança o êxito esperado.

Verificou-se que as falhas apontadas pelos alunos na escola, se corrigidas, não a afastariam do modelo tradicional. Isso já havia sido apontado na fala dos professores. Alunos e professores apontam na mesma direção. Talvez houvesse mais coerência se fosse assumido de fato e no discurso o modelo da escola chamada tradicional, conteudista e autoritária.

Segundo a pesquisa, o aluno demonstra ter necessidade de contar com regras bem estabelecidas, de um professor que assuma sua autoridade perante a sala e de alguns alunos que acreditam que a punição mais rígida possa resgatar a disciplina. Verificou-se que existe uma certa passividade por parte do aluno, que assume a postura do aluno da escola tradicional, ao qual não é pedido para fazer escolhas. Notou-se também que este tipo de aluno não cria vínculos com a escola, isto é, não está comprometido com a proposta da escola, uma vez que o contrato de ensino foi estabelecido entre a instituição e os pais, sem sua participação. Ao aluno nada é perguntado. Não há para ele margem de participação ou escolha. O contrato estabelecido com os pais que, desde a mais tenra idade das crianças, visa ao sucesso no futuro vestibular em faculdades conceituadas, não permite à escola descuidar dos conteúdos em quantidade cada vez maior. O aluno encontra tudo preparado, cronometrado e imposto. Talvez, na indisciplina, os alunos tenham o

único lugar para a demonstração de seu desagrado e mesmo de sua criatividade. Esse modelo de escola, que ainda encontramos com freqüência, trabalha com a imposição, na qual o aluno não faz escolhas, e sua criatividade é usada para a indisciplina quando certamente poderia ser mais bem aproveitada.

Segundo Estrella (1994 p.117), embora a escola contemporânea tenha sofrido mudanças profundas, alguns professores tendem a preservar o seu papel central na organização do ato pedagógico. Esse continua a ser o de transmissor do conhecimento tradicional, comunicado de tal forma que limita as possibilidades de ultrapassar o programa. E o professor? Terá ele mais oportunidades de escolher que o aluno? Não estará ele, diante de uma proposta fechada e controlada, mais frágil na sua condição de “professor empregado”, que o aluno na condição de cliente?

Comparando as respostas dos alunos nas duas questões, ficou claro a necessidade do aluno em ter regras, limites bem estabelecidos, e que o professor que exerce sua autoridade em sala de aula não os incomoda, ao contrário, traz a segurança e garante o processo de aprendizagem.

Vasconcelos (1995, p.89) colabora com essa idéia, ao afirmar que o conceito de disciplina associada à obediência é muito presente no cotidiano da escola e que esse é compreendido como a adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja. Apesar de o advento da Escola Nova ter trazido o entendimento de que a disciplina se constrói pela interação do sujeito com os outros e com a realidade até chegar ao autodomínio. A pesquisa não apontou para a possibilidade de realização desse tipo de disciplina nas escolas estudadas e nem mesmo deixou perceber que ela estivesse na consciência e nas metas de seus professores e alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, foram revelados dados, relativos às dificuldades com a disciplina no dia-a-dia dos docentes e alunos das escolas escolhidas, que possibilitaram verificar divergências entre o discurso e a ação. Apesar das escolas pesquisadas afirmarem seu interesse nas peculiaridades de cada aluno e dar atenção às últimas conquistas no campo do ensino e da aprendizagem, ela ainda age de maneira tradicional.

Quando foi perguntado aos alunos como resolveriam a questão da indisciplina, o posicionamento foi conservador, pois eles ainda acreditam que a disciplina deva ser estabelecida em casa pelos pais, mediante imposição do respeito às ordens e da autoridade. Alguns foram até radicais, pedindo punições mais enérgicas para que a disciplina fosse resgatada na escola. Acreditam também que só com regras rígidas a escola vai resolver essa questão desafiadora.

No início dos anos vinte, quando se difundiu no Brasil o modelo de escola hoje conhecido como tradicional, a expectativa dos pais que o procuravam era diferente da expectativa dos pais que hoje se interessam por esse estilo de ensino. Esses pais acreditavam, à época, que os alunos deveriam ser tratados rigidamente, pois tal era o procedimento em casa. A escola punia o aluno que não cumpria as regras estabelecidas e os pais a apoiavam. A escola contemporânea, apesar de adotar uma série de procedimentos da escola tradicional, possui maneira diferente de lidar com as cobranças das regras, gerando, às vezes, incoerência. Com a participação dos pais, que nem sempre apóiam a escola, questionando e

desautorizando regras estabelecidas, as quais visariam ao resultado de um ensino que, esses pretendem, seja dado a seus filhos.

Nos dias que correm, cobra-se da escola que além de ensinar, também eduque, passando-lhe mais responsabilidades no processo de educar. Por esse motivo, torna-se ilógico que, ao estabelecer a escola algum limite, os pais apóiem as atitudes inadequadas dos filhos, justificando-os, enquanto recriminam a escola.

Outro fato interessante que deve ser ressaltado é que a escola hoje não consegue administrar as novas formas de exigência social concreta, personificadas na transformação do perfil de sua clientela. A mudança do aluno é outro fator relevante, a cobrança dos pais em relação à quantidade de conteúdos é cada vez maior, fazendo com que a escola perca a liberdade de inovar, pois tem de “massacrar” o aluno com conteúdos cujo compromisso principal é o vestibular.

Atualmente, a proposta das escolas particulares tende a tratar da “personalização” do ensino, no qual o aluno se torna o “cliente” a quem a escola oferece um “produto”. Inverte-se a legitimidade dos olhares: é o aluno quem olha e julga. Desse modo, a coordenação e a direção da escola precisam adotar uma postura firme, pois ao contrário, o aluno, pelo fato de pagar, acha que pode estabelecer as regras. É comum ocorrer que a escola volte atrás em seus procedimentos por pressão da família. Assim, alguns professores de escola particular sentem-se destituídos de autoridade e abandonam a tarefa de disciplinar, pois ficam mais preocupados em perder o emprego.

Verificou-se também que não faz sentido introduzir os “combinados” em uma escola autoritária. Se as duas partes não são livres no momento do trato, este se torna uma farsa. Para evitar um castigo, o aluno algumas vezes é levado a “combinar”, sem a mínima disposição de cumprir. Alguns professores, para

parecerem democráticos, chamam “combinados” as regras que impõem para a realização de trabalhos ou que tratam do comportamento em sala de aula. A verdade é que ou o professor impõe-se por suas características próprias ou nada consegue, uma vez que os alunos não valorizam sua função, sabendo muito bem como se livrar das dificuldades.

Por tudo isso há discrepância na prática da escola, pois apesar de ser considerada de “vanguarda”, ela ainda tem a prática conteudista, disciplinadora e autoritária, com exigências e punições disciplinares rígidas, que, entretanto, nem sempre funcionam. Além de impor aquilo que o aluno deve aprender, obriga o professor a ensinar o que é determinado, na ordem e no tempo determinados, sem que se possa decidir o que seria mais importante ensinar em certas situações.

Mediante a pesquisa, verifiquei que, apesar de a escola preparar sua proposta pedagógica diferenciada, ela ainda está muito distante de ter uma prática que venha ao encontro do aluno. Deve-se levar também em consideração que a indisciplina, que tanto preocupa as escolas, talvez seja a única forma de protesto do aluno que não concorda com as práticas escolares e não é capaz de verbalizar suas críticas a respeito.

No contexto histórico em que vivemos, de constantes mudanças, a velocidade da mídia e o maior acesso ao computador e à Internet deixam o jovem em contato com uma grande quantidade de informação. Desse modo ele tende a selecionar as informações que mais lhe interessam, o que acaba influenciando suas atitudes em sala de aula. O aluno mais bem informado é mais exigente em relação às informações que recebe. Ele pensa, muitas vezes, que se é para informar que a escola serve, ela é, nesse caso, um pobre e antiquado veículo de informação.

Os resultados encontrados neste estudo indicam que os professores e alunos pesquisados apresentavam concepções aproximadas com relação à indisciplina, ao caracterizarem-na como desrespeito a professores e colegas, conversas paralelas, barulhos e ações que atrapalham a aula. Alguns professores foram bastante explícitos quanto à necessidade de adequação, para minimização dos problemas que a indisciplina acarreta, como a necessidade de maior planejamento, de envolvimento e identificação do docente com a disciplina que ministra. Os alunos pedem que o professor exerça sua autoridade, mas essa deve ser exercida nos domínios intelectual, ético, profissional e humano.

Um dado interessante que surgiu da pesquisa diz respeito à maneira de tratar a indisciplina ao mesmo tempo em que os alunos reclamam pela rigidez e medidas severas, também as indicam como forma de se contê-la. Segundo a pesquisa, os alunos responderam que o professor mais rígido ensina, e que os mais maleáveis nem sempre conseguem.

O aluno que pretende colaborar com a escola tem a percepção de que a indisciplina interfere negativamente no processo ensino-aprendizagem, e que algumas medidas mais severas precisam ser tomadas. Quem se aproxima dos alunos, em contrapartida, fica sabendo que esses não vêem sentido para se permanecer na escola por tantos anos, sentem desprazer no fato de o ensino os obrigar a aprenderem matérias e conteúdos alheios aos seus interesses e manifestam também a insegurança de viverem em uma sociedade que não os acolhe e tampouco lhes reserva um lugar no mercado de trabalho, mesmo quando bem formados.

Vale frisar que a questão disciplina / indisciplina se apresentou, durante a pesquisa, como responsabilidade de todos os atores educacionais, incluindo a

direção escolar, os elaboradores de políticas públicas, além de docentes, discentes e equipe pedagógica, para se propiciar um ambiente de aprendizagem real, não só aos alunos, mas também aos professores. Estes que precisam encontrar caminhos para a renovação da prática pedagógica, abrindo espaço para o diálogo e para o exercício da flexibilidade que aliado às regras consistentes e claras, possam garantir a ordem e os processos adequados de ensino, fortalecidos por um bom ambiente relacional, em busca da construção da cidadania crítica e participativa.

Para concluir, talvez eu possa dizer que a escola poderá ter um papel importante na indisciplina, se tiver condições de rever seus posicionamentos, tornando-se um campo real e propício para o aluno usar a criatividade, porém a escola sozinha não resolverá o problema, pois este, tanto em suas causas como em seus efeitos, tem implicações mais amplas que ultrapassam os limites da instituição escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *A Dimensão de uma mudança: atenção, criatividade, disciplina, distúrbio de aprendizagens, propostas e projetos*. Campinas: Papirus, 1999.

AQUINO, Júlio Groppa. *Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno*. São Paulo: Summus, 1996a.

_____. A Desordem na relação professor aluno. In: Aquino, Júlio (org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996b. p. 39-55.

AQUINO, Júlio Groppa (org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira. O Ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: MACEDO, Lino de (org.) *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 105-135.

AUSUBEL, David.P. *A New lock at classroom discipline*. New York: Phi Delta Kappan, 1996. p.26-28.

CANDAU, Vera M. ; NASCIMENTO Maria da C. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DPISA, 1999.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence. *A guide to teaching practice*. Londres: Methuem, 1977.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1994. [trad.: Ephraim Ferreira Alves]

ESTRELLA, Maria Teresa. *Relação Pedagógica: disciplina e Indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora, 1994.

FONSECA, Elisabeth S.; SZENCZUK, Dorotea P. *(In)disciplina na escola pública: uma contribuição à reflexão sobre a práxis educativa na atualidade*. São Paulo: Editora Summus , 2001.

FREIRE, Paulo. *Psicologia da autonomia: sabores necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GENOVARD, Candid; GOTZENS, Concepcio. Las Perturbaciones del comportamiento escolar: a indisciplina. Presentado em la 1ª REUNION NACIONAL DE INTERVENCION PSICOLÓGICA. Alicante: Sociedad Valenciana de Analisis y Cambio de Conducta, febr. 1981.

GOTZENS, Concepcio. *Modelos no conductistas de explicación y tratamiento de los problemas de comportamiento em el aula*. Barcelona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Barcelona, 1975.

GUIMARÃES, Áurea. Indisciplina e violência In: Aquino, Júlio Groppa (org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*, 2.ed. São Paulo: Summus: 1996. p.73-82.

LA TAYLLE, Yves de. *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo: Summus, 1996.

_____. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Piaget. In: La Taille, Y de et al. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p.35-44.

_____. *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Ática: 1998.

MACEDO, Lino de (org.) *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MUSSAK, Eugenio. *Metacompetência*. São Paulo: Gente, 2003.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A Indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados in: Aquino, Julio G. (org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. p. 117-127.

PIAGET, Jean. *O Juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.

TANNER, Laurel N. *La Disciplina em la enseñanza y em el aprendizaje*. México: Interamericana, 1980.

Tiba, Içami. *Quem ama, educa!*. São Paulo: Gente, 2002.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Ética kantiana*. Escritos de Filosofia IV: Introdução à ética Filosofia I, São Paulo: Loyola, 1999. *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo, Summus, 1999.

ZAGURY, Tânia. O Ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: MACEDO, Lino de (org.) *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do psicólogo, 1996. p.95-96.

_____. *O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

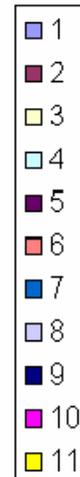
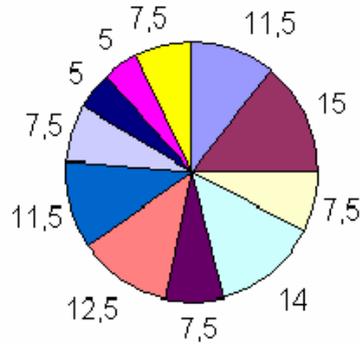
GRÁFICOS

O que é disciplina para o aluno?

- 1 É a educação que temos um pelo outro
- 2 É respeitar o professor
- 3 É manter-se quieto, sem fazer bagunça
- 4 É comportar-se em sala de aula, respeitando as regras
- 5 É ensinada em casa
- 6 Respeito e educação
- 7 Respeito e obediência
- 8 Responsabilidade
- 9 É o comportamento das pessoas
- 10 Disciplina lembra escola
- 11 Outras respostas

VOTOS	%
23	11,5
30	15
15	7,5
28	14
15	7,5
25	12,5
23	11,5
15	7,5
10	5
10	5
15	7,5

O que é disciplina para o aluno?



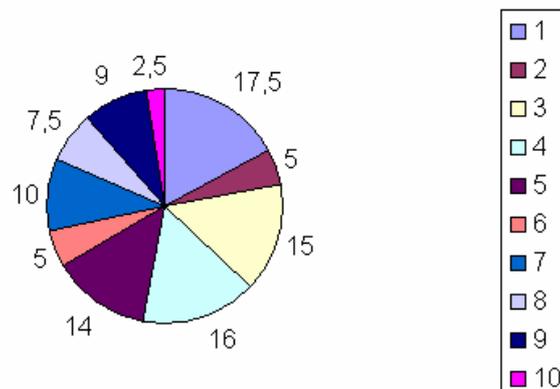
Conceitos segundo os alunos

Que atitudes, segundo os alunos, melhorariam a disciplina?

- 1 Regras bem estabelecidas pela escola
- 2 Bons exemplos.
- 3 Disciplina deve ser estabelecida pelos pais desde a infância
- 4 Cobrança rígida por parte da escola em relação à postura
- 5 Trabalhar mais a questão do respeito, organização, educação e colaboração
- 6 Professores não devem impor respeito e, sim, conquistá-lo
- 7 O papel do professor bem estabelecido
- 8 Exclusão do aluno
- 9 Suspensão por vários dias
- 10 Outras respostas

VOTOS	%
35	17,5
10	5
30	15
32	16
25	14
10	5
20	10
15	7,5
18	9
5	2,5

Que atitude, segundo os alunos, melhorariam a disciplina ?



Sugestões para a solução da indisciplina